



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

EDNILTON SILVA ESTENDIO

**O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: RELATOS DA PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO NO
CONTEXTO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA
MEDIAÇÃO.**

**SUMÉ - PB
2019**

EDNILTON SILVA ESTENDIO

**O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: RELATOS DA PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO NO
CONTEXTO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA
MEDIÇÃO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do Campo do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Educação do Campo.**

Orientador: Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.

**SUMÉ - PB
2019**

E796c Estendio, Ednilton Silva.

O cordel como recurso didático no ensino de geografia: relatos de produção e experimentação no contexto escolar da educação do campo através da mediação. / Ednilton Silva Estendio. - Sumé - PB: [s.n], 2019.

84 f.

Orientador: Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Literatura do cordel e educação. 2. Educação do campo. 3. Produção de recursos didáticos. 4. Mediação educacional. I. Oliveira, Fabiano Custódio de. II Título.

CDU: 37.018(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

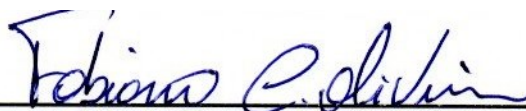
Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

EDNILTON SILVA ESTENDIO

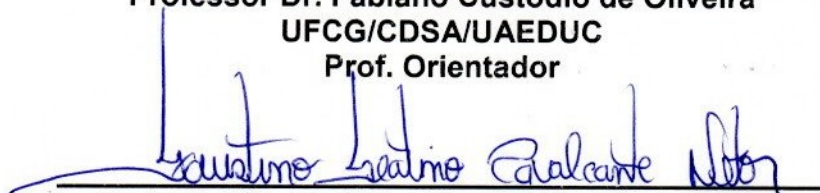
**O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: RELATOS DA PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO NO
CONTEXTO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA
MEDIÇÃO.**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do Campo do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Educação do Campo.

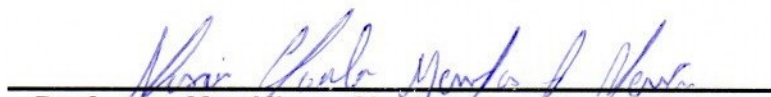
BANCA EXAMINADORA:



Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira
UFCG/CDSA/UAEDUC
Prof. Orientador



Professor Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto
UFCG/CDSA/UAEDUC
Prof. Examinador 01



Professor Me. Alison Clauber Mendes de Alencar
UFPB/CCEN
Prof. Examinador 02

Trabalho aprovado em: 11 de Julho de 2019

SUMÉ – PB
2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos meus familiares, em especial aos meus pais (Evaldo Severino Estendio e Cristiane Silva Estendio) que batalharam e lutaram muito para que não faltasse nada em minha vida e em toda minha trajetória de estudos, pois estiveram preocupados com o meu futuro já que não puderam estudar, sendo que tinham que trabalhar para sustentar a família. Aos meus irmãos (Cleyson Silva Estendio e Karolaine Crisnei Silva Estendio) que sempre me apoiaram nesta minha caminhada e ficaram ao meu lado. Também para a minha namorada e companheira (Ana Beatriz Soares de Araújo) e a sua família que estiveram sempre me incentivando a concluir está minha trajetória. Dedico esse trabalho também ao meu professor e orientador (Fabiano Custódio de Oliveira), por estar sempre disponível em conversar e me orientar com as melhores sugestões possíveis para o desenvolvimento da elaboração dessa pesquisa que é nossa. Não posso deixar de dedicar também a todos os professores colaboradores em todo o meu processo de formação, desde a alfabetização até esta graduação. Para finalizar, dedico este trabalho a todos os meus amigos e companheiros de curso e também aqueles que sempre convivem comigo e estão ao meu lado no cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Torna-se até repetitivo em muitos agradecimentos, mas tenho que agradecer primeiramente a meu Deus, pois foi ele que me concedeu o dom da vida e fez com que a minha fé permanecesse firme, me dando força de vontade e capacidade pra seguir em frente neste percurso de vida, especificamente do que diz respeito aos meus estudos.

Mostro minha gratidão a todos meus familiares, principalmente meu pai (Evaldo Severino) que sempre trabalhou e se preocupou muito para possibilitar um futuro melhor para sua família. A minha mãe (Cristiane Silva) a rainha da minha vida, pois sem ela eu não seria nada. Ao meu irmão (Cleyson Silva) que, apesar de ser bastante encrenqueiro e brigão, sempre me apoiou e esteve comigo. Minha irmã (karolaine Crisnei), mesmo sendo chata em vários momentos, sempre esteve nos ajudando dentro de casa dando total suporte a minha mãe em tudo que fosse possível. Pois bem, a minha família é a base de tudo e sem os mesmos eu não teria chegado até onde cheguei.

Sou mais do que grato a minha namorada (Ana Beatriz) por ser companheira e me incentivar a continuar estudando e realizando meus sonhos, por estar sempre ao meu lado nos momentos fáceis e difíceis da minha caminhada.

Não posso deixar de fazer meus agradecimentos aos meus amigos e companheiros de curso, com isso agradeço de todo o coração a minha comadre que considero como uma irmã (Genilda Carvalho), pois sempre esteve comigo me ajudando em tudo o que fosse preciso. Ao meu poeta e irmão (Lourielson Alves), um amigo de verdade para toda hora. Não posso esquecer de (Natanael Alan) que me ajudou em vários momentos que precisei e estive no aperto para dar conta de minhas atividades. Destaco também (Gerlane Guedes, Amanda Araújo e Leonilson) e aqueles que infelizmente não puderam dar continuidade e terminar o curso, todos foram muitos importantes e contribuíram de certa forma em toda a minha caminhada.

Agradeço aos meus amigos e colegas do tempo de Pibid-Diversidade, especialmente ao poeta (Erivaldo Tiago) e a poetisa (Aline Oliveira) foi diante esta parceria que comecei a trabalhar o cordel dentro do contexto escolar. Não posso esquecer também de Simone e Leone que me ajudaram bastante no desenvolver de novas experiências dentro do Programa. Aos meus supervisores Andreia Ramos que de início foi bastante cautelosa comigo e me deu total apoio e o mestre Alisson Clauber, uma pessoa que sempre se dedicou ao máximo para nos dar todo o suporte possível dentro de sala de aula e sempre que precisei de sua ajuda esteve

pronto para me ajudar, portanto tornou-se um grande espelho nesta minha formação. Diante disso, agradeço a todos os gestores da Escola “José Bonifácio Barbosa de Andrade”, por nos receber e acolher de braços abertos.

Agradeço aos amigos Antonio e Rosecreide que participaram juntamente comigo e Genilda do Projeto de Extensão. Não posso esquecer de mencionar também a todos os gestores da Escola “Ildefonso Anselmo da Silva”, especialmente a professora Rossana que abriu as portas da sua sala de aula para que a gente desenvolvesse nossas ações.

Sou muito grato a todos os professores que contribuíram desde a educação infantil até minha vida acadêmica dentro da universidade. Foi a partir destes profissionais da educação que construí muitos conhecimentos e aprendi demais com seus ensinamentos.

Meus agradecimentos ao professor Fabiano Custódio, coordenador do Pibid-Diversidade e projeto de Extensão, por ter aceitado o convite para ser orientador do meu projeto de pesquisa e trabalho de conclusão de curso (TCC), muito obrigado pelos seus ensinamentos, aprendi muito com suas aulas e orientações.

Para finalizar, agradeço a mim mesmo, porque me dediquei ao máximo para conseguir meus objetivos, tive força de vontade e venci vários obstáculos e desafios nessa trajetória, se não fosse essa dedicação eu não teria chegado até o final desta jornada.

Obrigado a todos!

Ednilton Silva Estendio

“Poesia é uma voz que nem com mil anos cala, é tão divina de um jeito que muitos tentam buscá-la, mas consegue ser tão única que poucos podem encontrá-la”.

Poeta: Evaldo Filho

RESUMO

A utilização de inúmeros recursos didáticos tornaram-se essenciais para potencializar o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e também para haver uma transição entre o ensino tradicional para um ensino mais crítico com a participação dos alunos, especificamente no ensinar Geografia. Desta forma, esse trabalho apresenta os resultados da pesquisa intitulada “ O Cordel como Recurso Didático no Ensino de Geografia: Relatos da Produção e Experimentação no Contexto Escolar da Educação do Campo através da Mediação”, que teve por objetivo produzir e experimentar em sala de aula um cordel, verificando como esse recurso didático potencializa o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia através da mediação realizada na Escola “Ildfonso Anselmo da Silva”, localizada no Município de Amparo-PB. Nessa pesquisa utilizamos o pressuposto da pesquisa qualitativa, através da Pesquisa-Ação. Os dados coletados foram analisados de forma descritiva e interpretativa uma vez que esta é caracterizada pela observação e correlação de fatos, buscando descrever as características ou relações existentes nas ações realizadas na sala através da Pesquisa-Ação, como também apresentamos através de fotos demonstrando as etapas da intervenção pedagógica em vários momentos e quadros com as respostas dos questionários, aplicados durante a pesquisa. Verificamos que a pesquisa realizada foi relevante para potencializar a aprendizagem dos alunos em relação ao ensino de Geografia, pois os mesmos adquiriram por meio do cordel em sala de aula uma melhor compreensão sobre o tema “Tecnologias Sociais”, passando a expressarem através da produção de desenhos, debates, versos e estrofes nos diferentes momentos da produção do cordel o conhecimento da temática trabalhada citada. Diante disso, identificamos que o cordel pode ser considerado como um grande potencial no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia nas escolas do Campo.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Recursos Didáticos. Cordel. Processo de Ensino-Aprendizagem. Educação do Campo.

SUMMARY

The use of didactic resources becomes essential to enhance the teaching-learning process in the classroom, and also to have a transition between traditional teaching and more critical teaching with the participation of students, specifically in teaching Geography. In this way, this paper presents the results of the research entitled "The Cordel as a Didactic Resource in Teaching Geography: The Report of Production and Experimentation in the School Context of Field Education through Mediation", whose objective was to produce and experiment in classroom a Cordel, verifying how this didactic resource potentiates the teaching-learning process in Geography classes through mediation at the Ildefonso Anselmo da Silva School, located in the Municipality of Amparo-PB. In this research we used the qualitative research assumption, through Research-Action. The collected data were analyzed in a descriptive and interpretative way since it is characterized by the observation and correlation of facts, trying to describe the characteristics or relationships existing in the actions performed in the room through the Action Research, as well as presenting through photos demonstrating the steps of the pedagogical intervention in several moments and tables as the answers of the questionnaires, applied during the research. We verified that the research carried out was relevant to enhance the students' learning in relation to the teaching of Geography, since they acquired through Cordel in relation to the classroom a better understanding on the theme "Social Technologies", beginning to express through production of drawings, debates, verses and stanzas in the different moments of the Cordel production, the knowledge of the subject matter worked out. In light of this, we have identified that the cord can be considered as a great potential in teaching-learning in geography classes in Campo schools.

Keywords: Geography Teaching. Didactic resources. Cordel. Teaching-Learning Process. Field Education.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 - ESCOLA ILDEFONSO ANSELMO DA SILVA	43
FOTO 2 - PLANEJAMENTO E ELABORAÇÃO DAS AULAS	49
FOTO 3 - QUESTIONÁRIO EXPERIMENTAL	50
FOTO 4 AULA EXPOSITIVA E DIALOGADA SOBRE O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	52
FOTO 5 - AULA DIALOGADA SOBRE AS TECNOLOGIAS SOCIAIS.....	53
FOTO 6 - AULA EXPOSITIVA E DIALOGADA SOBRE O CORDEL	54
FOTO 7 - CONSTRUÇÃO DAS ESTROFES COLETIVAS NO QUADRO	55
FOTO 8 - CONSTRUÇÃO DAS ESTROFES COLETIVAS NO QUADRO	55
FOTO 9 - CONSTRUÇÃO DOS DESENHOS PARA O CORDEL	58
FOTO 10 - DESENHO PRODUZIDO PELOS ALUNOS.....	58
FOTO 11 - DESENHO PRODUZIDO PELOS ALUNOS	59
FOTO 12 - DESENHO PRODUZIDO PELOS ALUNOS	59
FOTO 13 - DESENHO PRODUZIDO PELOS ALUNOS	60
FOTO 14 - CONFECÇÃO DO CORDEL NO CONTEXTO ACADÊMICO.	61
FOTO 15 - APRESENTAÇÃO DAS ESTROFES DO CORDEL PRODUZIDO.	62
FOTO 16 - APRESENTAÇÃO DAS ESTROFES DO CORDEL PRODUZIDO.	62
FOTO 17 - APRESENTAÇÃO DAS ESTROFES DO CORDEL PRODUZIDO.	63
FOTO 18 - REAPLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO EXPERIMENTAL.	64
FOTO 19 - SOCIALIZAÇÃO DO RECURSO PARA TODA A ESCOLA	64
FOTO 20 - SOCIALIZAÇÃO DO RECURSO PARA TODA A ESCOLA	65

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ATIVIDADES DOS PAIS (DADOS FEMININOS)	48
QUADRO 2 - ATIVIDADES DOS PAIS (DADOS MASCULINOS)	48
QUADRO 3 - ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM E COMPREENSÃO SOBRE O QUE É SEMIÁRIDO.	69
QUADRO 4 - ANÁLISE REFERENTE AS TECNOLOGIAS SOCIAIS.....	71
QUADRO 5 - ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS SOCIAIS	73
QUADRO 6 - ANÁLISE DAS TECNOLOGIAS SOCIAIS EXISTENTE NA COMUNIDADE.....	75
QUADRO 7 - ANÁLISE DO CONHECIMENTO SOBRE AS TECNOLOGIAS SOCIAIS.	76

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - GÊNERO	46
GRÁFICO 2 - FAIXA ETÁRIA	46
GRÁFICO 3 - LOCAL DE MORADIA	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	O ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEXTUALIZADO PARA AS ESCOLAS DO CAMPO DO SEMIÁRIDO.....	18
2.2	RECURSOS DIDÁTICOS COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR.....	25
2.3	O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA AS ESCOLAS DO CAMPO.....	29
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	36
3.1	A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA.....	36
3.2	TIPO DE PESQUISA.....	38
3.3	FASES DA PESQUISA.....	39
3.3.1	Pesquisa Bibliográfica.....	39
3.3.2	Pesquisa-ação.....	40
3.4	QUESTIONÁRIO.....	42
3.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	42
4	A PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO CORDEL NA ESCOLA MUNICIPAL ILDEFONSO ANSELMO DA SILVA.....	43
4.1	APRESENTANDO A ESCOLA MUNICIPAL “ILDEFONSO ANSELMO DA SILVA”.....	43
4.2	PERFIL DA TURMA.....	45
4.3	A PESQUISA-AÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	47
4.3.1	Momento - Planejamento e escolha da temática.....	49
4.3.2	Momento - Aplicação do Questionário Experimental.....	50
4.3.3	Momento - Mediação - Aula expositiva e dialogada sobre O Semiárido Brasileiro.....	51
4.3.4	Momento - Mediação - Aula dialogada sobre Tecnologias Sociais;.....	52
4.3.5	Momento - Mediação - Oficina de Cordel e elaboração das estrofes	53
4.3.6	Momento - Construção de desenhos para a confecção da capa e corpo do cordel.....	57
4.3.7	Momento - Confecção e elaboração do cordel no contexto acadêmico.....	61
4.3.8	Momento - Experimentação coletiva do cordel elaborado e dialogo reflexivo acerca do que produzimos.....	61
4.3.9	Momento - Reaplicação do questionário com intuito de compreender a concepção de cada estudante a respeito do conhecimento construído pelos mesmos.....	63
4.3.10	Momento - Socialização do Recurso com a comunidade escolar.....	64
5	CORDEL COMO POTENCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO - APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO.....	66
6	CONSIDERAÇÕES.....	78

REFERÊNCIAS..... 81

APÊNDICE..... 84

1 INTRODUÇÃO

A escolha em fazer esta pesquisa, partiu de uma acumulação de experiências acerca da poesia popular, em especial o cordel dentro do cotidiano social, no contexto escolar e acadêmico, sendo que estas vivências foram representadas pelos folhetos e a arte do repente/improviso.

Portanto, vale salientar que o cordel pode ser considerado um grande potencial metodológico dentro da sala de aula, já que tanto sua leitura interpretativa como também a sua construção a partir de qualquer temática dentro da escola, torna-se significativa para a aprendizagem dos alunos, possibilitando aprendizagem dos conteúdos através da cultura que é predominante no espaço geográfico em que os mesmos vivem e a comunidade escolar pode ser o ambiente de resgate e valorização desta cultura.

É necessário destacar novamente o porquê da escolha em trabalhar o cordel como recurso didático. Ressalto que antes mesmo de iniciar um percurso dentro da universidade, já existia dentro de mim a influência da cantoria de viola¹, as atuações dos declamadores e construções poéticas dos cordelistas. Foi ao escutar o tocar das cordas da viola que ao decorrer do tempo fui me apaixonando cada vez mais por esta arte típica da nossa identidade.

Destaca-se também que cresci num berço onde a poesia popular é predominante, mas que ainda é muito desprezada por aqueles que não conhecem a expressão do repente e nem do cordel. Foi diante disso que fiz a escolha de trabalhar o folheto nordestino, ou seja, o cordel que representa o nosso lugar, fazendo, assim, um resgate cultural e levando o conhecimento para os alunos no contexto escolar. Nesse caso, o cordel como recurso pedagógico proporciona para os alunos, diante do estudo, à compreensão do meio em que vivem, resgatando e valorizando costumes e conhecimentos populares passados e expressos de uma geração para a outra.

¹Para Ferreira (2012), a cantoria de viola, muito conhecida como repente, é representada pela figura do sertanejo que canta e improvisa versos com sua viola. Não se restringe, podem, aos cantadores de viola, pois há diversas outras manifestações culturais de improvisos poéticos no Nordeste. Como mencionado na viagem à poesia popular do sertão nordestino, são todos poetas repentistas; o que os diferencia são as modalidades de métrica e os instrumentos que acompanham e fazem a melodia ou dão o ritmo de cada manifestação. Os improvisos também podem ser cantos de trabalho, ou seja, um repente sobre atividade laboral do momento. Cada manifestação carrega consigo sua história étnico-social.

É importante mencionar que no decorrer dessa trajetória dentro da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), em especial na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LECAMPO), foi possível aprender e me deparar com diversos conhecimentos teóricos por meio dos campos disciplinares e às áreas de atuações, no caso, a área das Ciências Humanas e Sociais. Em vista disso, é necessário revelar e relatar o quanto foi significativo participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID-Diversidade, pois foi diante deste programa que comecei a atuar voluntariamente e logo em seguida como bolsista, podendo, assim, adentrar na Educação Básica e começar a trabalhar a prática do cordel como recurso didático na área da Educação do Campo.

O PIBID Diversidade foi muito marcante nesse processo de caminhada da minha formação no contexto acadêmico e na participação como voluntário/bolsista no ambiente escolar, foi dentro deste programa que me familiarizei com uma sala de aula cheia de alunos e aprendi na prática como é realizado o processo de ensino-aprendizagem nas escolas do campo.

De forma específica, o nosso trabalho apresenta a pesquisa desenvolvida no âmbito da disciplina de Geografia, pesquisa essa realizada com a turma 7º ano “A”, na Escola “Ildefonso Anselmo da Silva”, onde elaboramos dentro da sala de aula e experimentamos com a comunidade escolar o Cordel intitulado “Tecnologias de Convivência com o Semiárido”.

Portanto, esta pesquisa teve início com o Projeto de Extensão “Produção de Recursos Didáticos no Ensino de Geografia para as Escolas do Campo”, coordenado pelo Professor Doutor Fabiano Custódio de Oliveira, no qual atuei como bolsista por um período de 6 (seis) meses.

Diante do desdobramento deste projeto, construímos coletivamente com os alunos, vários recursos didáticos contextualizando as experiências vividas no ambiente em que estamos inseridos. E dentre estes recursos surgiu a oportunidade de trabalhar o cordel como folheto específico da região Nordeste, a partir da temática posta no parágrafo anterior. Desse modo, a sua produção como recurso didático metodológico é de suma importância para as escolas do campo.

Tendo em vista as experiências dentro do projeto de extensão, surgiu, a partir das ações desenvolvidas, a criação de artigos e participações de eventos, surgindo também a temática que deu origem este trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado da

seguinte forma “O Cordel como Recurso Didático no Ensino de Geografia: Relatos da Produção e Experimentação no Contexto Escolar da Educação do Campo através da Mediação”, demandando por objetivo geral:

Produzir e experimentar em sala de aula um cordel, verificando como esse recurso didático potencializou o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia através da mediação.

Objetivos específicos:

Realizar um levantamento bibliográfico sobre: Ensino de Geografia, Recurso didático, Cordel, Cordel e Ensino de Geografia e Educação para a convivência do Semiárido nas escolas do campo;

Discutir a importância do cordel como recurso didático como estratégia facilitadora na compreensão dos conteúdos abordados;

Produzir e experimentar na sala de aula um cordel que tenha como base o tema “TECNOLOGIAS SOCIAIS”;

Relatar as etapas da construção e experimentação do cordel como recurso didático na sala de aula no âmbito da Pesquisa-Ação;

Verificar como o cordel potencializou a aprendizagem dos alunos referente ao tema “Tecnologias Sociais” através da mediação em sala de aula.

Neste trabalho utilizamos os pressupostos da pesquisa qualitativa por meio da pesquisa-ação. Sendo que a coleta de dados se fez a partir da análise e interpretação dos fatos, ou seja, das características situadas em cada ação desenvolvida no ambiente escolar, através do processo de medição feito em sala de aula. A apresentação desta pesquisa se deu perante as ações didáticas/metodológicas, já que sua exposição foi feita diante as imagens demonstradas de cada mediação-pedagógica e na elaboração e exposição das respostas coletadas nos questionários aplicados com os alunos.

Ressaltamos que esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa, Educação do Campo e processos de ensino-aprendizagem que tem por objetivo investigações de metodologias, práticas educativas e processos de ensino-aprendizagem voltados para a produção do conhecimento nas escolas do campo. Diante disso, esta pesquisa será apresentada nas 5 (cinco) seções seguintes:

“REFERENCIAL TEÓRICO” que sustenta nossa pesquisa e está organizada em três subseções. A primeira trata um pouco sobre a origem da Geografia e o seu ensino contextualizado no âmbito da Educação do campo. A segunda busca compreender os recursos didáticos como facilitador da aprendizagem no contexto escolar. E a terceira tem como objetivo entender o cordel como recurso didático no ensino de Geografia para as escolas do campo.

“CAMINHOS METODOLÓGICOS” tem como propósito mostrar e pôr em evidência os caminhos metodológicos que foram seguidos para o desenvolver dessa pesquisa. Diante disso, destaca-se o quanto é importante fazer uso da pesquisa no âmbito educacional, cuja finalidade é percorrer em direção de uma indagação, ou seja, caminhar em direção de uma solução prévia. Dessa maneira, fizemos a seguinte segmentação: A importância da pesquisa, pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfica, pesquisa-ação, questionário e análise dos dados.

“A PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO CORDEL NA ESCOLA MUNICIPAL ILDEFONSO ANSELMO DA SILVA” têm por finalidade apresentar as principais características da Escola Municipal “Ildefonso Anselmo da Silva”, assim como sua estrutura física, perfil da turma, relatos da pesquisa-ação no contexto escolar e, por fim, os dez (10) momentos em que a Pesquisa-Ação foi realizada.

“CORDEL COMO POTENCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA MEDIÇÃO” tem como propósito fazer uma análise sobre o processo de mediação e a construção do ensino-aprendizagem diante do contexto escolar. Logo após, buscamos fazer uma comparação das respostas obtidas nos questionários aplicados, tendo como finalidade compreender se todas as aulas mediadas e a produção do cordel contextualizado foram de suma importância para a aprendizagem dos alunos, no que diz respeito aos conceitos e conteúdos abordados.

Por fim, para o término desta pesquisa, fizemos nossas considerações finais relatando a relevância do construir coletivamente o conhecimento a partir das aulas de Geografia, por meio da construção e experimentação do cordel no âmbito da educação do campo, ressaltando o quanto o cordel é importante como recurso didático.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção diz respeito ao referencial teórico que sustenta nossa pesquisa e está organizada em três subseções. A primeira trata um pouco sobre a origem da Geografia e o seu ensino contextualizado no âmbito da Educação do Campo. A segunda busca compreender os recursos didáticos como facilitador da aprendizagem no contexto escolar. E a terceira tem como objetivo entender o cordel como recurso didático no ensino de Geografia para as escolas do campo.

2.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEXTUALIZADO PARA AS ESCOLAS DO CAMPO DO SEMIÁRIDO

Antes mesmo de iniciarmos nossos estudos sobre o ensino de Geografia, contextualizando e articulando a construção do conhecimento a partir de nossas realidades, no que diz respeito ao lugar e a espacialidade em que estamos situados, é necessário compreendermos sobre a origem dessa ciência que vem passando por inúmeras mudanças ao longo das últimas décadas.

Nesse sentido, podemos perceber que por muito tempo a ciência Geográfica foi debatida por muitos estudiosos e pesquisadores através dos aparatos filosóficos, por conta do modelo de organização das sociedades no mundo, afim de desvendar e entender as diversas mudanças e transformações ocorridas no campo científico.

É de acordo com essas transfigurações ocorrentes na Ciência Geográfica que passamos a entender especificamente como foi desenvolvido o ensino de Geografia nas escolas ao longo dos anos. Segundo Souza (2007):

No contexto dessas transformações gerais da sociedade e de sua dinâmica espacial, insere-se o ensino de Geografia. A história da Geografia como disciplina escolar tem início no século passado, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico (SOUZA, 2007, p.18).

Desta maneira, a funcionalidade da disciplina de Geografia nas escolas ficou submetida a informes e interpretações de menor importância do território, particularmente quando o foco do seu estudo era descrever a extensão territorial tanto dos países como também do mundo.

O ensino de Geografia esteve direcionado somente aos aspectos físicos da natureza, tendo como princípio a observação e a descrição dos seus fenômenos naturais, passando a direcionar apenas os relatos acerca dos conteúdos programáticos. A partir desta concepção Souza (2007) nos mostra que:

As propostas convergem na crítica sistemática ao ensino de conteúdos estruturados conforme uma corrente da Geografia Tradicional. Essa geografia se caracteriza pela estruturação mecânica de fatos, fenômenos e acontecimentos divididos em aspectos humanos e aspectos econômicos, de modo a fornecer aos alunos uma descrição das áreas estudadas, seja de um país, de uma região ou de um continente (SOUZA, 2007, p. 20).

Nesse caso, no ensinar Geografia não se tinha uma preocupação em apresentar as relações e os significados em determinadas ocorrências, ou seja, as inúmeras transformações e acontecimentos em nossa realidade. O ensino estava somente vinculado a degraus de pouca relevância, sendo que a contextualização e a identidade dos alunos não era trabalhada pelos professores. Portanto, o contexto e o reconhecimento de pertença de um lugar estava alheio a cada aluno, fazendo com que a essência e o conhecimento ficasse excluído para os mesmos. Assim:

De início a Geográfica
Tinha um fator principal
Descrever, memorizar
Isso era o primordial
De forma fragmentada
Pois era o tradicional
(Ednilton Silva)

Moraes (2007) destaca que a descrição, a enumeração e a classificação dos fatos referentes ao espaço são momentos de sua apreensão, mas a Geografia Tradicional se limitou a eles, como se eles cumprissem toda a tarefa de um trabalho científico.

O processo didático e avaliativo diante dessa tendência de ensino, esteve direcionado apenas a descrição e memorização do clima, relevo, vegetação, território, hidrografia e etc. Assim:

O seu trabalho didático
Teve a valorização
Na descrição da paisagem
E na memorização
Sem impor as relações
Nem generalização.
(Ednilton Silva)

Foi a partir da análise feita da Geografia Tradicional que se deu o início dos grandes debates e eventos nas últimas décadas, tendo como intuito o diálogo acerca de pensamentos e posicionamentos críticos por parte de estudiosos e pesquisadores desta ciência.

“A Geografia conhece hoje um movimento de renovação considerável, que advém do rompimento de grande parte dos geógrafos com relação à perspectiva tradicional”(Moraes, 2007, p.103). Portanto, este romper com a Geografia Tradicional teve como propósito a busca constante por criação de procedimentos reflexivos diante dos caminhos metodológicos a serem seguidos e utilizados.

Por volta dos anos de 1970, a Geografia adentra num processo de inúmeras mudanças e transformações, por causa do movimento de renovação no ensino desta ciência. Com isso, surge logo após a crise e o fim dos mecanismos tradicionais, a Geografia Pragmática, tendo como fundamento e princípio metodológico, os aspectos conceituais a partir dos dados matemáticos e estatísticos. Esta corrente faz uma crítica contundente a funcionalidade da Geografia tradicional, no que se refere a pouca importância dada ao estudo e aprofundamento na análise feita na ciência geográfica. Mas, ainda é considerada como a continuidade do tradicionalismo, tendo como viés a contemporaneidade. Conforme Moraes (2007):

A Geografia Pragmática é um instrumento da dominação burguesa. Um aparato do Estado capitalista. Seus fundamentos, enquanto um saber de classe, estão indissolivelmente ligados ao desenvolvimento do capitalismo monopolista. Assim, são interesses claros os que ela defende: a maximização dos lucros, a ampliação da acumulação de capital, enfim, a manutenção da exploração do trabalho (MORAES, 2007, p.116).

Pois bem, a Geografia Pragmática se se caracterizou como uma abordagem conservadora porque se desenvolveu perante os interesses capitalistas, e colocou em evidência as desigualdades sociais entre as classes dominantes e dominadas, onde o Estado burguês tornou-se o principal detentor do sistema lucrativo e dono do poder. Assim:

Surgiu o pragmatismo
Cujos dados principais
Ficaram sempre concentrados
Com os donos dos capitais
Tendo o poder estatístico
Dos lucros industriais.
(Ednilton Silva)

Com estas transformações ocorrentes na ciência geográfica, podemos conhecer a partir de Moraes (2007) que:

A outra vertente, do movimento de renovação do pensamento geográfico, agrupa aquele conjunto de propostas que se pode denominar Geografia Crítica. Esta denominação advém de uma postura crítica radical, frente à Geografia existente (seja a Tradicional ou a Pragmática), a qual será levada a um nível de ruptura com o pensamento anterior. Porém, o designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente à realidade, frente à ordem constituída. São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo. São, assim, os que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem (MORAES, 2007, p.119).

Deste modo, é por volta de 1970, que começa a ser introduzido a Geografia Crítica, que busca novas definições no âmbito da Geografia a partir da renovação de conteúdos e conceitos, sejam eles políticos ou econômicos. Nesse caso, a Geografia Crítica é considerada como uma Geografia de cunho marxista, tendo como foco estabelecer críticas aos acontecimentos e as relações sociais diante a sociedade, ou seja, o processo de produção e a imposição de classe social, passando, assim, a estudar e analisar com mais afinco o objeto de estudo da Geografia que é o espaço geográfico.

Partindo para o contexto atual, o ensino de Geografia no ambiente escolar tem que ser pensado com base nos posicionamentos críticos acerca da realidade, onde o principal objetivo seja a construção do conhecimento e o ensino-aprendizagem por parte dos professores e alunos. Para Lira:

Pensar em uma prática de ensino voltada para a Construção do conhecimento é pensar como os alunos vão conhecer o espaço através de suas representações, interpretações e significações acerca da vida em sociedade. Dessa maneira, o aluno perceberá a influência dos aspectos políticos, culturais e econômicos, os quais podem interferir em constante mudanças no espaço como um todo (LIRA, 2014, p. 306).

Vale ressaltar que o ensinar Geografia nessa perspectiva deve-se ponderar o desenvolvimento da autonomia, criatividade e criticidade dos alunos. Tendo como propósito compreender o espaço geográfico, através da dinâmica que existe entre sociedade e a construção do espaço, levando em conta a relação entre o homem e os aspectos naturais. Lira (2014, p. 308) diz que:

A compreensão dos fatos e acontecimentos do mundo, as relações entre o homem e natureza, os avanços tecnológicos da atualidade com suas aplicações para a sociedade e a convivência no mundo rural ou urbano são temas que podem ser analisados através das múltiplas relações com a paisagem, o território, o lugar e a região, que são objetos do ensino da Geografia. Para esse ensino, formula-se abordagens cada vez mais precisas e necessárias sobre o conhecimento do mundo.

Se os sujeitos forem capazes de construir coletivamente a criticidade do espaço em que estão, poderá ser que em um futuro próximo, eles possam elaborar estratégias para solucionar não todos, mas alguns problemas e acontecimentos do cotidiano. Desta forma:

O trabalho geográfico
Na visão da Geografia
Tem que buscar mediar
A prática com à teoria
Levando em conta o saber
Do aluno no dia a dia.
(Ednilton Silva)

O ensino dessa ciência tem que ser pensado metodologicamente de forma agradável e que não seja algo enfadonho, desagradável e cansativo. Mas, que o ensino de Geografia possa ser atrativo e significativo, levando em conta a realidade, potencialidades e riquezas que existem em cada lugar em que eles moram. Para tanto, deve-se levar em consideração a autonomia e criatividade dos alunos, sem deixar de lado a sabedoria popular e a vivência dos mesmos. Assim:

Não é só ter o domínio
Do conteúdo existente
Mas ter metodologias
Para poder seguir em frente
Construindo um pensamento
Autônomo em cada discente.
(EdniltonSilva)

No ensino de Geografia é necessário compreender as dimensões espaciais, temporais, culturais e principalmente o relacionamento existente com os aspectos ambientais. De acordo com Selbach (2010):

Ensina-se Geografia para que os alunos possam construir e desenvolver uma compreensão do espaço e do tempo, fazer uma leitura coerente do mundo e dos intercâmbios que o sustentam, apropriando-se de conhecimentos específicos e usando-os como verdadeiras ferramentas para seu crescimento pessoal e para suas relações com os outros [...] (SELBACH, 2010. p. 37).

Podemos ver que quem estuda Geografia e o espaço geográfico busca entender os significados e as interpretações do próprio espaço, e a construção do conhecimento está direcionado as relações com os sujeitos, sendo essa uma forma de explicar a cidadania. Assim:

O espaço geográfico
Aqui pode-se mostrar
O objeto de estudo
Que é especializar
Território e paisagem
Também contendo o lugar.
(Ednilton Silva)

Por muito tempo na Região Nordeste do Brasil, o semiárido foi pensado pelo poder oligárquico² e o coronelismo³, tendo como finalidade o combate à seca, tudo isso por conta dos interesses políticos de ambas as partes, sabe-se que não se pode combater um fenômeno da natureza. Nesse caso, os vários recursos pedidos pelos coronéis eram utilizados para o uso dos mesmos, sendo que as populações do Semiárido brasileiro sofriam com a falta de políticas públicas para conviverem com o período de estiagem.

Numa visão direcionada para o Semiárido brasileiro, a Geografia tem que ter como foco principal a Educação Contextualizada, que busca compreender as dimensões espaciais a partir da convivência com o próprio clima. Conforme Carvalho e Reis (2013, p. 26):

A ideia-projeto da convivência vai atuar na desconstrução dos significados de estereotipia e negatividade, solidificados sobre a natureza, o campo, sociedade, cultura, etc, das “gentes” do Sertão Semiárido. O foco da ação das redes articular e mobilizar os sujeitos individuais e coletivos para novas formas de sociabilidade, possibilitando que uma nova base de conhecimentos e práticas sobre a natureza e o território Semiárido se estabeleçam a partir de práticas e programas produtivos, organizacionais e educacionais contextualizados, adequados às condições de semiaridez; por meio do uso e acesso à tecnologias sociais para a água, como exemplo, Programa 1 Milhão de Cisternas (PIMC) Dentro desse contexto de mudanças e novas propostas para o semiárido brasileiro, emerge a ideia da educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB).

² Os grupos oligárquicos, foram aqueles que por muito tempo se beneficiaram politicamente por causa das estratégias de governo lançadas diante as insuportáveis secas que ocorriam na região nordeste.

³ O Coronelismo, concretizou-se como o principal sistema que abrangia o poder do governo junto a aliança feita aos coronéis. O governo utilizava do poder dos coronéis para ganharem forças nas disputas contra os seus rivais, até porque o próprio governo em troca de votos para continuarem no poder, implantava cargos públicos nas pequenas cidades onde os fazendeiros tinham grande posse de terras, e os coronéis mandava em tudo.

Nesse viés é importante dar evidência às Tecnologias Sociais de convivência com o Semiárido brasileiro, que em seus princípios busca armazenar as águas diante das precipitações de chuvas, para que possam ser utilizadas no período de estiagem, ou seja, na seca.

Para Moura e Pereira (2013) o ensino de Geografia apresenta um leque de possibilidades para articular conhecimentos do cotidiano dos alunos no SAB com os conhecimentos globais, já que o objetivo de estudo da Geografia é o Espaço Geográfico e o SAB está incluído neste espaço. Pois:

A Geografia está
No dia a dia da gente
Nós podemos enxergar
Os seus aspectos presente
Na convivência que temos
Com o Semiárido quente.
(Ednilton Silva)

Assim sendo, o ensino de Geografia precisa ser contextualizado com a realidade dos sujeitos do Semiárido Brasileiro, considerando o espaço e as vivências de cada um, construindo um ensino-aprendizagem de acordo com as atividades educativas e, principalmente, o contexto. Conforme Moura e Pereira (2013, p. 128):

Trabalhar a Geografia de forma Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro requer do professor uma dedicação especial, pois o mesmo precisa ter um conhecimento multidimensional sobre a região, sustentando-se no desenvolvimento de um pensamento complexo e buscando junto com a comunidade transformar esses conhecimentos em novos saberes.

Esta é uma vertente bastante comum no âmbito da Educação do Campo, que tem como princípio as lutas e resistências dos sujeitos das comunidades rurais por uma educação de qualidade para que seja no/do campo. Educação essa, em que o educador precisa se familiarizar e, assim, contextualizar as experiências e vivências destes povos, ou seja, entender o espaço e o saber popular existente em cada comunidade, isso é evidenciar a identidade e cultura. Assim, o ensino de Geografia:

Tem que contextualizar
Todas as experiências
Conhecimento dos povos
Postos sempre em evidências
Resgatando na cultura
Suas principais essências
(Ednilton Silva)

Um ponto a ser destacado é a falta de recursos didáticos contextualizados nas escolas do campo, entre esses, o livro é o mais comum. Os poucos que existem na sala de aula ou no contexto escolar não abordam especificamente problemáticas relacionadas à realidade dos alunos. Uma das soluções cabíveis é a mediação do professor, por meio de procedimentos mais simples e utilizando de matérias custeáveis ou até mesmo recicláveis, para que possa ser possível construir seus próprios recursos metodológicos, subsidiando práticas pedagógicas, tanto dentro como fora da sala de aula. Somente desta maneira, com a produção do recurso e tendo a participação dos alunos nesse processo de construção coletiva, é que o ensino-aprendizagem terá um significado e uma importância por parte de cada aluno.

Nesse caso, para se ter um ensino de Geografia de qualidade, deve-se pensar em vários recursos possíveis que poderá vir a facilitar a construção do conhecimento diante deste campo científico e empírico, principalmente quando estamos nos deparando com uma realidade diferente das demais, trata-se de uma educação voltada para os sujeitos do campo, onde a contextualização do espaço é o foco central no ensinar desta disciplina.

2.2 RECURSOS DIDÁTICOS COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Recursos didáticos são os principais meios estratégicos e metodológicos, cujo o professor pode utilizar pedagogicamente para lhe auxiliar no contexto escolar, ou seja, dentro da sala de aula, e que seja em prol de facilitar o ensino-aprendizagem.

Os recursos didáticos são mecanismos que têm como finalidade dar condições no processo de mediação dos conteúdos entre professor e alunos. É diante da elaboração do planejamento e planos das aulas que o professor buscará artefatos para que o seu ensino seja considerável para a construção do conhecimento em relação às temáticas trabalhadas na escola.

Assim, os recursos podem ser entendidos como objetos de apresentação dos conteúdos e temáticas estudadas pelos alunos e suas funções se estabelecem de acordo com a aproximação com a realidade e simplificação dos materiais que podem ser confeccionados de forma conjunta entre professor/aluno. Referindo-se a estes recursos Carvalho (2018, p. 32) nos mostra que:

No processo de ensino- aprendizagem eles surgem com o objetivo de não só de facilitar a compreensão do conteúdo, como também de despertar o interesse dos alunos em aprender, são capazes de fazer com que o professor fuja do ensino tradicional e passe a buscar estratégias que torne suas aulas mais dinâmicas, proporcionando assim aos alunos a ampliação de seus horizontes, isto é, de seus conhecimentos.

O uso de determinados recursos didáticos acabam sendo benéficos para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, na interligação do construir o conhecimento acerca de teorias existentes e práticas cotidianas que precisam ser consideradas e estudadas.

Nesse caso, a confecção e construção desses recursos didáticos é importante para estabelecer uma relação entre teoria e prática, onde o processo avaliativo pode ser feito a partir desse processo de composição e preparação. Seja qual for o recurso, o essencial é que esteja exposto e colocado tudo o que foi proposto nos planejamentos e planos de aulas.

Os primeiros tipos de recursos utilizados pelos professores para expressarem os conteúdos de estudos foram o quadro, giz, livro, jornais, revistas e textos manuscritos pelo próprio professor.

Numa classificação mais tradicional de ensino, Piletti (2006) nos mostra que os recursos didáticos podem ser entendidos a partir dos recursos visuais que têm como ferramentas as projeções, os cartazes e as gravuras; os recursos auditivos onde destacam-se o rádio e as gravações e, por fim, os recursos audiovisuais, que nessa perspectiva se encaixam o cinema e a televisão.

Em outro tipo de classificação, Piletti (2006) destaca que os recursos didáticos podem ser: os recursos humanos que são os professores, alunos, gestores escolares e a comunidade. Menciona-se também os recursos materiais do ambiente, que são os aspectos naturais, como a água, folha, pedra e entre outros; os recursos de ensino como o quadro, giz, cartazes e demais. E para finalizar existe os recursos dentro da comunidade, sendo eles as bibliotecas, indústrias, lojas, repartições públicas e etc.

Entretanto, com o passar dos tempos foram surgindo novos recursos didáticos, a exemplo dos meios tecnológicos, destaca-se o rádio e a televisão como instrumentos de comunicações e informações, os aparelhos de sons para expor as músicas, a utilização do *DVD* para assistir filmes e documentários e, por fim, a chegada das máquinas para tirar fotografias, computadores, *datashows*, celulares e, principalmente, a *Internet* que ultrapassou todas as barreiras informacionais no mundo.

A maioria destes recursos didáticos são usados em sala de aula pelos professores. Mas, nos dias atuais, em determinados setores da Educação, em especial no Brasil, as escolas não se têm acesso a estes inúmeros recursos devido a situações precárias em certas realidades da Educação brasileira. Os recursos mais usufruídos nas escolas são os livros didáticos enviados pelo governo, só que não chegam contendo um olhar pra realidade dos alunos, ou seja, a contextualização. Outro ponto a ser mencionado é que muitas escolas sofrem com a falta do livro e também dos demais recursos didáticos.

Vale salientar que o livro didático é o principal recurso que o professor faz uso com os alunos, só que ele não obtém todas as informações desejadas, porque está incompleto. Nesse sentido, o professor precisa aprofundar seus estudos e levar novas possibilidades para dentro de sala e também fora dela.

Nesse caso, cabe aos professores construir seus materiais de acordo com os objetivos e planos traçados na sua disciplina, ou até mesmo na sua área de atuação, ressaltando sempre a importância da elaboração coletiva dos seus alunos, pois eles são os principais autores e construtores, tanto dos recursos como também do conhecimento que é o principal objetivo a se alcançar. Segundo Leite (2018, p. 24):

Deve-se utilizar os recursos que melhor se adequa a disciplina, como por exemplo a Geografia, a utilização de cartazes, projeções e entre outras são bastante importantes, mas não únicos. Analisar também a estrutura da escola, quais os materiais e recursos a mesma pode oferecer ou oferece.

Portanto, a exposição de *slides* com textos, imagens, charges, ilustrações e até mesmo a análise de músicas, poemas e cordéis são possíveis recursos que dar para se trabalhar no aprofundamento dos conteúdos, temas e conceitos da disciplina de Geografia ou até mesmo de forma interdisciplinar, integrados com outras ciências.

Estes recursos têm como finalidade proporcionar um ensino de qualidade, dinamizando e chamando a atenção dos alunos acerca de uma aprendizagem que tenha significados.

Barbosa (2018) destaca que a natureza em si já é um recurso que pode ser introduzido pelo professor e estudado pelos alunos fora dos muros da escola, fazendo com que a partir de aulas de campo nas comunidades em torno da comunidade escolar, seja levado em consideração os recursos naturais do espaço geográfico. Recursos esses que são: rochas, plantas e águas, destacando, assim, o quanto é importante o meio ambiente para a vida de cada um.

O desenvolver da mediação feito pelo professor não é fácil, pois há uma necessidade em conseguir ferramentas que facilite o ensino-aprendizagem, estratégias que o propósito seja despertar a atenção dos alunos em determinados conceitos abordados nos seus estudos. Para Barbosa (2018, p. 22):

Os recursos didáticos ajudam na abordagem de alguns conteúdos ou temas geradores, como por exemplo: espaço geográfico, identidade territorial, religião, relações sociais, trabalho, cultura e etc, que são ministrados em sala de aula, além de incentivar e possibilitar o processo de Ensino-aprendizagem, dinamizando a aula e chamando a atenção do aluno.

Estes recursos didáticos são responsáveis por dinamizarem as aulas, aponto de se tornarem atrativas e boas e romperem com aquele ensino tradicional que tende a proporcionar o cansaço e enfado dos alunos dentro das quatro paredes de uma sala de aula. Desse modo:

Vários recursos de ensino
 Nós temos que utilizar
 Para que na educação
 Venha sempre auxiliar
 A prática do professor
 Na hora de mediar.
 (Ednilton Silva)

São Inúmeros os recursos que podem ser elaborados no contexto escolar da Educação do Campo, destacando sempre as características peculiares do espaço, por isso, a contextualização torna-se o principal objetivo para o ensinar e o aprender a partir do trabalho coletivo dos sujeitos que fazem toda a gestão pedagógica da escola.

É importante ressaltar que não são os recursos didáticos que irão transformar a aula de reprodução em aula de construção. Tudo isso não adiantará de nada se o professor tiver a mente fechada e desejando ter alunos copiadores sem nenhuma criatividade (CARVALHO, 2018).

Diante disso, o modo, os procedimentos e o ensino submetido pelo professor aos alunos têm que irem além das paredes da sala, sendo necessário fugir da mesmice imposta pelo método tradicional, pois sabemos que nos dias atuais ainda existe professores que permanecem enraizados com estes aspectos tradicionais. Mas, tem a formação continuada fazendo com que o profissional do âmbito educacional repense suas práticas e metodologias de ensino em toda a comunidade escolar.

Entre os recursos elaborados e contextualizados, pode-se destacar a produção de maquetes, jogos, mapas conceituais, álbum seriado, cartazes e a construção do cordel, como é a proposta da nossa pesquisa. Assim:

Nova metodologia
Um recurso inovador
Cujo cada professor
Pode usar com maestria
Seja na Geografia
Ou História no papel
Conhecimento é fiel
Construído no estudo
Eu trabalho o conteúdo
Transformado em cordel.
(Ednilton Silva)

Nesse sentido, para desenvolver um ensino de Geografia nas escolas do campo, indicamos a utilização do cordel. Pois o cordel, utilizado como recurso didático na sala de aula, é importante para a esfera cultural da Educação do Campo, sobretudo na região do Cariri paraibano, onde se tem um grande número de poetas cordelistas e apologistas. A vista disso, é crucial levar o cordel como recurso didático para dentro da sala de aula, seja para a utilização da leitura, ou a própria construção e elaboração do mesmo, no contexto escolar.

2.3 O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

Esse recurso fantástico
É preciso enaltecer
Com ele o aprender
É bem mais fácil e didático
O seu linguajar é pratico
Possui doçura igual mel
O aluno é o menestrel
Com os versos aprende tudo
Eu trabalho o conteúdo
Transformado em cordel.
(Ednilton Silva)

Ao iniciarmos nossos estudos acerca da construção do cordel no contexto escolar, contextualizando a realidade da microrregião do Cariri ocidental⁴, temos que saber um pouco sobre a história, principalmente de onde vêm a Literatura de Cordel e como se deu o seu surgimento no Brasil, percebendo também quais os principais responsáveis por fazer e elaborar esta arte em território brasileiro.

A literatura de cordel é oriunda da Península Ibérica, onde se desenvolveu por meio da construção manuscrita e perante a oralidade dos recitais e também nas expressões teatrais, sendo que os romances escritos de forma versificada e rimada só passaram a ser impresso pelos poetas trovadores em Portugal, por volta de século XVI, com o início do Renascimento⁵. O nome cordel se deu por conta da sua comercialização ser feita a partir da exposição dos folhetos lusos em cordões de barbantes, sendo que suas exposições eram feitas em praças e feiras livres, por isso a origem do nome cordel. Conforme Sousa (2017, p. 30):

Evidencia-se que historicamente a literatura de cordel chega ao Brasil por volta do século XVIII, durante o início da colonização, havendo uma espécie de transplante a partir do que se constituía como literatura de cordel em Portugal e que, chegando do lado de cá do Oceano Atlântico muito se modificou, transformando-se e tornando-se outra produção literária, que hoje conhecemos como a nossa literatura de cordel. Nesse sentido muitas características serão abordadas a seguir, demonstrando a riqueza cultural e única do cordel brasileiro.

O surgimento do cordel em território brasileiro se deu com a invasão portuguesa. Porém, a sua estrutura modificou-se ao chegar no Nordeste do Brasil, a forma de construção desta arte mudou mediante os aspectos culturais referente aos acontecimentos da realidade dos nordestinos e de todo o Brasil. A confecção dos cordéis ou folhetos nordestinos como se denominou ao longo do tempo, era diferente da literatura lusa, pois levava em consideração os acontecimentos típicos da própria região, acontecimentos estes que, por muito tempo, foram impressos nos folhetos, contendo ilustrações feitas a partir do uso da xilogravura⁶, ou seja, a arte de esculpir os desenhos na madeira introduzida pelo autor que passa a ser chamado de cordelista.

⁴A microrregião do cariri ocidental da Paraíba, está localizado na região Nordeste do Brasil e é composto por 17 municípios: Amparo, Assunção, Camalaú, Congo, Coxixola, Livramento, Monteiro, Ouro Velho, Parari, Prata, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sumé, Taperoá e Zabelê.

⁵O renascimento esta interligado a um movimento de esfera cultural, artístico e científico desenvolvido no final da idade média, início da modernidade.

⁶De acordo com Siviero e Vizoli (2017), a xilogravura é um desenho impresso por meio de uma base de madeira esculpida. Funciona como carimbo: é necessário esculpir o desenho de interesse na madeira,

Assim, Sousa (2017) nos mostra como passou a ser constituída a produção do cordel no Brasil, a partir da seguinte estruturação:

Quadra – estrofe de quatro versos;

Sextilha – estrofe de seis versos;

Septilha – estrofe de sete versos (menos comum de ser encontrada);

Oitava – estrofe de oito versos;

Quadrão – os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si;

Décima – estrofe de dez versos;

Martelo – estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heróicos).

Estas foram as estruturas adotadas pelos cordelistas e cantadores nordestinos, sendo que a produção dos folhetos tornaram-se a principal fonte de comunicação e construção do conhecimento, pois era por meio deles que a pessoas ficava informadas de tudo que estava acontecendo. Com isso, pode-se afirmar que o cordel, ou folheto nordestino, é uma das primeiras tecnologias de informações do Nordeste brasileiro.

A importância dada a esta fragmentação e estruturação se destaca em meio a primeira impressão do cordel nordestino, que aconteceu somente por volta do final século XIX, tendo como principal criador o cordelista Leandro Gomes de Barros. Diante disso, é interessante compreender um pouco sobre a sua história e como passou a ser considerado por todos o maior cordelista de todos o tempo. Segundo Sousa:

Na região Nordeste, um dos grandes expoentes e disseminadores da literatura de cordel foi o acima referido Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel no Brasil. Paraibano nascido na Fazenda da Melancia, localizado na cidade de Pombal (PB), é considerado o rei dos poetas populares do seu tempo. Foi criado e educado pela família do padre Vicente Xavier Farias. Mudou-se com a família adotiva para a vila de Teixeira, lugar este que se tornaria o berço da literatura popular nordestina. Leandro permaneceu por lá e, aos 15 anos de idade, teve contato com alguns poetas populares da época. Morou em Jaboatão do Guararapes (PE) até 1906, depois em Vitória de Santo Antão (PE), já em 1907 muda-se para Recife, onde imprimiu a maior parte de suas obras, aproximadamente 240 obras de folhetos de cordel, chegando a inspirar outros poetas e escritores populares. Algumas de suas obras mais

Passar a tinta, e as partes mais elevadas do entalhe formarão o desenho final ao serem prensadas contra uma superfície qualquer. Com essa técnica é possível otimizar o tempo de estampar a superfície, e, com isso, pode-se abaixar o preço da confecção de tecidos, por exemplo. Por isso é chamada de simples: o fato de não necessidade de interferências digitais, nem para criação ou reprodução, torna a uma técnica simples. Foi muito utilizada na ilustração de folhetins com o advento da imprensa no Brasil, a partir da chegada da família real.

importantes foram: *O cachorro dos mortos, o cavalo que defecava dinheiro* (obra que inspirou Ariano Suassuna a escrever o *Auto da Compadecida*, ou seja, uma das obras que inspiraram Ariano, pois, segundo ele, o *Auto da Compadecida* é inspirado em vários cordéis). Leandro Gomes de Barros faleceu em 04 de março de 1918, deixando um grande legado como já citado enquanto pai do cordel no Brasil, sendo lembrado até hoje como o maior poeta popular de todos os tempos, campeão absoluto de vendas, chegando à casa de milhões de exemplares vendidos (2017, P. 32 – 33).

Como podemos ver, ao decorrer dos anos, Leandro começou a ser considerado o primeiro sem segundo, porque, depois dele, não surgiu ninguém que expressasse poeticamente estrofes de histórias, imaginações e até mesmo acontecimentos. Leandro passou a ser denominado como o pai do folheto nordestino e até mesmo nos dias atuais é o espelho para novos apologistas e iniciantes desta arte. Destacando a relevância deste gênio da poesia nordestina Medeiros (2016, p. 21) nos mostra que:

[...] a literatura grandiosa de Leandro só podia ter surgido no Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, tornando possível o florescimento da literatura de cordel, como característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família. Todos, entre outros, deram oportunidade para que verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos de pensamento coletivo e das manifestações da minoria popular.

Portanto, vale salientar que nos dias atuais o cordel não está preso somente ao estado paraibano, pois passou a ser direcionado toda região Nordeste, chegando até o Sudeste do Brasil, tendo suas exposições e comercializações nas feiras de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde os cordelistas expõem suas obras em maletas, utilizando os folhetos e fazendo recitais e declamações das estrofes de forma oral para as pessoas que passam nas feiras.

Mas, temos que considerar que estamos situados no berço da poesia popular e é partindo para o nosso chão que podemos notar o surgimento de novos talentos da poesia popular. Tanto o solo paraibano como também o pernambucano tornaram-se os principais centros do nascimento da arte do cordel e da cantoria de viola representada pelo repente/improvisado. Pois bem, deve-se incentivar cada novo talento que surge em nossa região e isso é possível se passarmos a levar e implantar o cordel dentro da escola. Assim sendo, Barbosa nos fala que:

A introdução do cordel no campo de estudo pode tornar-se um recurso didático a partir do qual os professores terão subsídios – didáticos para trabalhar vários tipos de conteúdo, pois estes podem ser adotados aos objetivos que forem traçados. Ao mesmo tempo é uma oportunidade para que este ramo da literatura popular tenha uma chance de aceitação e valorização, fazendo despertar entre as pessoas o gosto pela preservação dos nossos artistas e da cultura nordestina que por sua maioria está sendo negada e esquecida (BARBOSA, 2018, p. 23).

Existem muitos iniciantes talentosos, só que tem aqueles que precisam se deparar com todo o processo de fabricação do folheto, pois sabe-se que muitos escrevem estrofes, mas não sabem rimar e metrificar corretamente. Nessa situação, o cordel além de evidenciar e proporcionar o aparecimento de jovens artistas, pode potencializar a prática dos professores no ensino de respectivos campos disciplinares.

As inúmeras estratégias, usadas pelo professor em sala de aula com seus alunos são feitas porque muitas escolas ainda sofrem por causa do descaso de alguns gestores públicos. Por isso, ainda se encontram em situações precárias em relação a falta de mecanismos ou recursos que facilitem o ensino-aprendizagem; pode-se perceber isso nas falas de Prata (2011):

Acreditamos que seria impossível estudar a cultura do semiárido desprezando suas manifestações literárias. A literatura de cordel está presente em todas as comunidades do semiárido nordestino. O folheto ocupa espaço nos debates, na economia e principalmente nas escolas, ainda que nesta última, em bibliotecas e oficinas, sendo pouco o seu uso nas salas de aula (2011, p. 33).

Na região em que estamos situados encontra-se essa cultura que vem por muito tempo semeando novos talentos da poesia, uma arte riquíssima que por muito tempo foi utilizada como fonte de informação, comunicação e construção do conhecimento, por isso, essa expressão cultural pode ser aplicada e desenvolvida em sala de aula. Sendo que através dos conteúdos e conceitos estudados é que se consegue construir e elaborar os versos de forma conjunta com os alunos, descobrindo potencialidades no contexto escolar. Segundo Nogueira (2009, p. 10):

A versatilidade do Cordel permite aos professores que trabalhem a transversalidade em sala auxiliando no desenvolvimento das competências da leitura, independente do componente curricular que trabalhe, pois a literatura cordeliana aborda os mais diversos temas, fazendo-se um grande parceiro para a sala de aula, dependendo apenas de planejamento para facilitar a orientação do conhecimento que será repassado aos alunos. Estreitar os laços do Cordel na sala de aula implica em mostrar o vigor cultural do Cordel como ferramenta para didática na educação.

O cordel como ferramenta de construção do conhecimento dos alunos, o que mais conta é, sem dúvida alguma, a aprendizagem dos sujeitos, ou seja, os alunos e isso pode ser possível devido a aplicação dos conteúdos em forma de versos, abordando questões de maneira simples e dinâmica que chame a atenção dos professores. Levando em conta também a identidade campesina, a contextualização e a pluralidade cultural dos sujeitos da microrregião do cariri paraibano.

O cordel, ou até mesmo poesia popular como é reconhecido no nordeste brasileiro, pode ser inserido no ensino de Geografia porque possui um campo extremo de possibilidades a ser trabalhado e estudado. Desde a espacialidade, a identidade de pertença, o lugar de origem e sentimento, o território e suas relações de poder. Entre outras vertentes que possam ser expressas através da produção dos versos que são postos nos cordéis. Conforme afirma Ferreira (2014, p. 37):

É a cultura nordestina que devemos como docentes resgatar e promover o aprendizado para nossos discentes, utilizando de práticas, metodologias e recursos que protagonizem a história e a cultura da sociedade brasileira. É nas aulas de Geografia que podemos discutir o espaço vivido, a religião, o lugar, as paisagens, o território, a cultura, a política, as diversidades sociais, entre outros temas importantes para nossos discentes.

Nesse aspecto, a utilização do cordel como recurso didático pode ser primordial para a construção do conhecimento em suas diversas etapas de produção dos versos e estrofes, sendo esses os objetivos traçados, ou seja, as confecções dos folhetos e, assim, poder alcançar um resultado diante a atividade proposta em sala de aula. De acordo com Lins (2006, p. 115),

O currículo escolar reproduz um discurso e uma prática que apresenta o semiárido como inviável, um lugar ruim de se viver e conseqüentemente isso é disseminado nas escolas também por meio do livro didático que é um instrumento de poder que reforça essa ideia através de suas atividades e imagens reproduzidas em sala de aula [...].

Na citação acima, podemos observar que em muitos livros usados pelos professores no dia a dia é muito comum encontrar conteúdos que apontem o Nordeste e, especificamente, o semiárido como um lugar horroroso e ruim para se viver, tudo isso, devido ao período de estiagem ocorrente nessa região que é colocado pela mídia como um lugar de extrema miséria e que a estiagem, ou seja, a falta d'água em nosso meio, precisa ser combatida.

Porém, o nosso foco é construir junto com os alunos um recurso que descaracterize essa visão, que não é só apontada em livros, mas também abordada pela

mídia. O intuito foi fazer o cordel contextualizado, que mostre o Nordeste e o Semiárido, principalmente, na região do Cariri paraibano, mostrando que dar para conviver com o período de estiagem e que a seca é um fenômeno natural e não pode ser combatido, mais sim convivido, porque nos dias atuais existem várias tecnologias de convivência com esse ambiente.

O ensino de Geografia nas Escolas do Campo deve-se partir da contextualização e da realidade dos sujeitos camponeses, tendo em vista que estes possuem culturas, identidades e territórios que precisam ser valorizados como potencialidades educativas. Ressaltando também não só as potencialidades, mas sim as precariedades e dificuldades a serem sanadas em nossas comunidades. Nesse cenário, podemos abranger o aprendizado diante da análise de Sousa onde destaca que:

Os folhetos de cordel constituem-se um recurso pedagógico de grande relevância e interesse a ser levado para a sala de aula como material de várias atividades, oferecendo um grande poder de compreensão por parte de quem lê, pois, traz elementos que fazem parte do discurso cotidiano dos alunos e que impulsiona grandes discussões e gerencia a construção do conhecimento em sala de aula, estendendo-se para além dos muros da escola, revelando assim um caráter educacional, social e político, pela sua simplicidade enquanto folheto de baixo custo, como também pela sua estruturação que chama a atenção desde a capa até a rima e a métrica, pois são elementos que envolvem e encantam os alunos (SOUSA, 2017, p 33).

Assim, o cordel pode ser levado para a sala de aula, não só como fonte de leitura, mais sim como propósito de elaboração e construção do próprio cordel como recurso didático. Então, é essencial que os professores, tanto da Cidade como também do campo possam construir com os alunos conhecimentos e saberes a partir da realidade local fazendo uso destes artefatos metodológicos para poder relacionar com os aspectos globais existentes. Iniciar suas atividades diante de uma esfera local prezando a sabedoria que os mesmos têm em seu contexto, nesse caso o cordel entra como um grande facilitador no ensinar do professor e no aprender dos alunos.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta seção tem como propósito mostrar e por em evidência os caminhos metodológicos que foram seguidos para o desenvolver dessa pesquisa. Diante disso, destaca-se o quanto é importante fazer uso da pesquisa no âmbito educacional, cujo a finalidade é percorrer em direção de uma indagação, ou seja, caminhar em direção de uma solução prévia. Dessa maneira, fizemos a seguinte segmentação: A importância da pesquisa, pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfica, pesquisa-ação, questionário e análise dos dados.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

No tocante do nosso trabalho, é necessário entender que “a única maneira de aprender a pesquisar é fazendo uma pesquisa” (RICHARDSON 2009, p. 15). Com isso, ao falarmos em pesquisa estamos indo ao encontro dos métodos e formando questionamentos, principalmente quando argumentamos e vamos em busca de respostas que são encontradas a partir da elaboração de questões que fazem parte do nosso contexto no que se refere a aprendizagem.

Parte da nossa indagação o ato de pesquisar e buscar conhecer algo. Nesse sentido, existem um intenso percurso no que diz respeito à esse tipo de pesquisa que devemos seguir em meio ao campo da realidade social, ou seja, o caminho ideal da investigação nos diversos campos científicos. A partir disso, Gil (2012, p. 26) nos mostra que:

A realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais. Assim, o conceito de pesquisa aqui adotado aplica-se às investigações realizadas no âmbito das mais diversas ciências sociais, incluindo Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Economia etc.

Inserir-se nessa perspectiva a pesquisa como ponto crucial no conduzir do desenvolvimento das relações sociais, as concepções históricas e culturais ao longo dos tempos, as relações de poder existentes nos aspectos políticos, a busca constante pelos conhecimentos a partir dos aparatos psicológicos diante do ensino-aprendizagem e, por fim, mostrar as condições e perspectivas que abrangem economicamente os setores sociais. Essas são algumas dimensões em que a pesquisa tem sido utilizada durante muito tempo e, em muitos casos, ainda se mantem em ênfase.

É na busca constante de uma consciência que possa esclarecer suas finalidades e suas relevâncias, tanto nos estudos empíricos ou teóricos, que a pesquisa nos aponta os caminhos em busca da construção do conhecimento. Portanto, “como ferramenta para adquirir o conhecimento, a pesquisa pode ter os seguintes objetivos: resolver problemas específicos, gerar teorias ou avaliar teorias existentes. Em termos gerais, não existe pesquisa sem teoria; seja explícita ou implícita, ela está presente em todo o processo de pesquisa” (RICHARDSON, 2009, p. 16).

A pesquisa no ambiente educacional é de suma importância, pois, fortalece suas excursões pedagógicas fazendo com que os professores, a partir do contexto em que estejam inseridos, encontrem mecanismos que possam solucionar dificuldades que aparecem em determinadas sondagens feitas na composição e organização do pensamento, ou seja, na constituição do conhecimento. Assim, fica claro que não se pode falar em conhecimento sem pensar em pesquisa, a mesma está presente nas atividades e nos conteúdos didáticos abordados pelo professor até a própria construção da realidade e vivência dos sujeitos. “A pesquisa e a educação caminham juntas de mãos dadas, sem que haja uma separação e de forma conjunta a aprendizagem vai se fortalecendo” (CARVALHO, 2018, p. 37).

É importante destacar que no âmbito pedagógico a pesquisa tem como finalidade a fundamentação de ideologias, tendo como princípio a busca e o desvendar dos acontecimentos para, assim, poder compreender a realidade e isso só é possível quando o pesquisador passa a fazer uso da curiosidade na instrução do ensino.

Diante destes apontamentos é que definimos a temática da nossa pesquisa que tem por função construir e experimentar o cordel como recurso didático no ensino de Geografia, de preferência fazendo uso da contextualização, sobretudo no âmbito da Educação do Campo.

Portanto, a função da nossa pesquisa foi construir conhecimentos coletivamente com os alunos, onde o foco central foi identificar aspectos concretos da realidade dos próprios sujeitos do Semiárido nordestino, exclusivamente os que vivem na microrregião do Cariri Ocidental, e que convivem com o período de estiagem, ou seja, todos os que estão inseridos no contexto dessa pesquisa.

Nesse contexto, as tecnologias sociais para a convivência com o Semiárido, tornaram-se a temática do nosso cordel que foi elaborado e experimentado em sala de aula e tornou-se muito importante para a elaboração e a reconstrução do conhecimento acerca da realidade dos próprios autores do cordel.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Existem diversos tipos de pesquisas a serem apontadas. No entanto, a abordagem a ser direcionada no nosso trabalho é o da pesquisa qualitativa, que é determinada como o estudo da qualidade de uma respectiva argumentação ou questão a ser discutida. Diante disso, esta pesquisa está apta a constatar observações e informações que não se interessa em quantificar uma determinada questão.

Para Moreira (2011) a pesquisa qualitativa é um termo que tem sido usado alternativamente para designar várias abordagens à pesquisa em ensino, tais como pesquisa etnográfica, participativa observacional, estudo de caso, fenomenologia construtiva, interpretativa, antropológica cognitiva.

O método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas (RICHARDSON, 2009). Portanto, a pesquisa qualitativa caracteriza-se como o ponto crucial da representação e relação entre os sujeitos da pesquisa e a particularidade do seu objeto de estudo, ou seja, tem como sentido interpretar a pesquisa e não quantificar. De acordo com Richardson (2009):

Há vários tipos de estudos que apresentam abordagem de controle qualitativo, e entre eles podemos citar a pesquisa para a elaboração de material didático e a pesquisa documentária. A pesquisa para elaborar material didático é um processo que consiste em desenvolver e validar produtos educacionais, relativamente nova, essa metodologia de trabalho aparece como uma das mais promissoras estratégias já utilizadas, particularmente, no campo educacional (RICHARDSON, 2009, p. 83).

Podemos perceber que a pesquisa qualitativa tem como ferramenta principal o próprio pesquisador, já que ele além de analisar e coletar informações, pode interpretar os conceitos e encontrar conclusões significativas. Dessa maneira, a nossa investigação partiu de uma problemática que foi a falta de recursos didáticos contextualizados para as escolas do campo e diante as análises e recolhimento de informes conseguimos, de modo coletivo, construir e experimentar um material didático no contexto escolar. Nesse caso, Richardson (2009, p. 83) nos mostra que:

A funcionalidade desse tipo de metodologia caracteriza-se pelo direcionamento do produto a determinado tipo de escolas e sobretudo às necessidades psicossociais do educando. A utilidade do emprego dessa metodologia verifica-se em sua capacidade de superar e corrigir graves problemas educacionais no que concerne ao emprego indistinto de livro-texto, de material didático e de equipamento que, embora válidos para determinado padrão social e escolar, podem não atender, efetivamente, as carências de uma população estudantil específica nem se ajustar às necessidades mais peculiares de certa comunidade.

Portanto, destacamos a nossa pesquisa como qualitativa porque teve como característica importante a prática e o desenvolvimento do cordel pelos alunos, sem contar que o conhecimento válidodiante o contexto cultural e social é primordial para compreender o lugar de origem de cada um. É caracterizada como uma pesquisa qualitativa porque busca compreender o fenômeno em sua essência social, cultural e educacional, para além de entender dados estatísticos ou relações causais explicadas por estudos quantitativos, que tem como foco a quantificação e não a qualificação do estudo.

3.3 FASES DA PESQUISA

3.3.1 Pesquisa Bibliográfica

Quando falamos em pesquisa bibliográfica estamos fazendo uma relação com os sentidos encontrados diante do que já foi escrito e finalizado a respeito de determinadas temáticas pesquisadas. Conforme Gil:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisa bibliográfica, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2012, p. 50).

A intensão da pesquisa bibliográfica é coletar informes baseados nas temáticas propostas por determinado estudo. Dado isso, todas as coletas feitas em instrumentos bibliográficos terão como objetivo uma investigação significativa. Nesta perspectiva, pode-se desvendar e encontrar as informações em meio aos procedimentos na busca de fontes seguras e confiáveis para a construção do trabalho.

O apontamento feito na sondagem e interpretações dos estudos bibliográficos está baseado no aprofundamento das leituras em materiais científicos para à compreensão do que está sendo pesquisado. Os diagnósticos são feitos em princípios

que complementam a abordagem em livros, artigos, monografias, periódicos, documentos e textos em *sites*.

Para a realização da nossa pesquisa iniciamos as leituras e discussões de textos dos seguintes teóricos: Barros (2016), Barbosa (2018), Caldart (2012), Carvalho e Reis (2013), Ferreira (2015), Fonseca (2008), Freitas (2009), Leite (2018), Lima (2016), Lins (2006), Lira (2014), Moura e Pereira (2013), Nogueira (2009), Passini (2011), Piletti (2006), Prata (2011). Sousa (2007), Sousa (2017), Em seguida, em nossa metodologia, utilizamos como fontes os autores: Carvalho (2018), Gil (2012), Ghedin e Franco (2011), Marconi e Lakatos (2009), Richardson (2009) e Severino (2007). Esses autores possibilitaram a compreensão sobre o Ensino de Geografia, Educação Contextualizada para o Semiárido brasileiro, Educação do Campo, recurso didático, literatura de cordel e metodologia de ensino-aprendizagem.

3.3.2 Pesquisa-ação

A pesquisa-ação tem como protagonismo adentrar nas práticas sociais, tendo como característica principal a interação e o desenvolvimento educativo a partir da relação e construção coletiva. Diante disso, podemos nos aprofundar na perspectiva de pesquisa-ação a partir da fala de Ghedin e Franco (2011, p. 224):

Quando se pretende investigar a dimensão da ação na pesquisa ação, tem-se também por finalidade refletir sobre seu sentido, suas configurações, bem como sobre seu arraigamento no processo investigativo. Há, assim, a preocupação de identificar as ações necessárias à construção/compreensão do objeto de estudo, bem como aquelas fundamentais para transformar tais compreensões em produção de conhecimento. Portanto, o grande interesse é permitir conhecer as ações necessárias à compreensão dos processos que estruturam a pedagogia da mudança da práxis na situação em investigação.

Este tipo de pesquisa é utilizado como uma configuração sistemática que proporciona aos seus integrantes mecanismos para examinarem as suas próprias práticas afim de poderem elaborar posicionamentos refletidos e analíticos. Nesse sentido, podemos entender este ponto de vista na seguinte definição de Severino:

A pesquisa ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modifica-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (2007, p. 120).

Pois bem, a ação é totalmente planejada neste tipo de pesquisa e suas estratégias metodológicas fazem com que os investigadores intervenham e tenham uma

participação ativa nas suas ações afim de explorar os problemas para conhecê-los e em seguida delimitar essa problemática buscando uma solução. Sendo assim,

É preciso que o pesquisador determinado a realizar uma pesquisa-ação perceba que estará lidando com um grupo de alguma forma estruturado e possuidor de uma dinâmica própria do qual ele, pesquisador, de início não faz parte. Nesse grupo o pesquisador pretende, junto ao coletivo, empreender mudanças. Como chegar e imediatamente começar a pesquisar? Há que haver um “aquecimento coletivo” anterior ao trabalho de pesquisa propriamente dito (GHEDIN e FRANCO, 2011, p.239).

Para a realização de todo esse processo da pesquisa-ação, cabe ao sujeito da pesquisa se familiarizar com o seu ambiente de trabalho, partindo a utilizar do coletivo e a cooperação que é essencial na pesquisa-ação, porque ela tem um embasamento e propósito empírico, que é construir uma reflexão crítica a partir da realidade e experiências vividas, cujo o intuito é a transformação nas práticas sociais e educacionais.

No campo educacional, este modelo de pesquisa-ação tem por caráter construir um conhecimento perante a realidade dos sujeitos envolvidos na respectiva pesquisa, tendo como função repercutir e pensar sobre todo o caminho seguido, isto é, socializar desde o começo até o fim da pesquisa. “A produção de conhecimento e a socialização de saberes, foco deste processo pedagógico intermediário, são tarefas complementares e associadas, principalmente no caso da pesquisa-ação, em que se pretende o trabalho coletivo, compartilhado” (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 244).

A nossa pesquisa se encaixa na esfera da pesquisa-ação, porque expande e defende realmente o objetivo destinado, ou seja, cumpre todos os sentidos e fundamentos que existe no campo das ações. Com base nessa concepção, o nosso processo de pesquisa-ação se prosperou em 10 (dez) momentos:

- 1 ° Momento - Planejamento e escolha da temática;
- 2 ° Momento - Aplicação do questionário experimental;
- 3° Momento - Mediação – Aula expositiva e dialogada sobre “O Semiárido Brasileiro”;
- 4 ° Momento - Mediação - Aula dialogada sobre “Tecnologias Sociais”;
- 5° Momento - Mediação – Oficina de cordel e elaboração das estrofes;
- 6° Momento – Construção de desenhos para a confecção da capa e corpo do cordel;
- 7° Momento - Confecção e elaboração do cordel no contexto acadêmico;
- 8° Momento - Experimentação coletiva do cordel elaborado e diálogo reflexivo acerca do que produzimos;
- 9° Momento - Reaplicação do questionário com intuito de compreender a concepção de cada estudante a respeito do conhecimento construído pelos mesmos;
- 10° Momento - Socialização do recurso com a comunidade escolar.

3.4 QUESTIONÁRIO

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos presentes ou passado, etc. (Gil, 2012, p.121).

Como podemos compreender acima na definição de Gil (2012), o questionário pode ser compreendido como um mecanismo que tem por caráter coletar informes, sondando e investigando a partir de questões estruturadas que em suas finalidades buscam compreender determinado significado ou conhecimento de algo.

De acordo com o tipo de pergunta, os questionários podem ser classificados em três categorias: questionários de perguntas fechadas; questionários de perguntas abertas; e questionários que combinam ambos tipos de perguntas (RICHARDSON, 2009, p. 190). Assim sendo, optamos por fazer uso de questões abertas na elaboração do nosso questionário, já que tem como objetivo acompanhar a aprendizagem dos alunos referente aos seguintes temas: Semiárido Brasileiro e as Tecnologias Sociais.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram analisados de forma descritiva e interpretativa, uma vez que esta é caracterizada pela observação e correlação de fatos, buscando descrever as características ou relações existentes em cada etapa das ações realizadas na sala de aula, mostrando, através das fotos e quadros, descrevendo e analisando, a luz dos autores citados no referencial teórico, as atividades realizadas na sala de aula.

4 A PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO CORDEL NA ESCOLA MUNICIPAL ILDEFONSO ANSELMO DA SILVA

Esta seção tem por finalidade apresentar as principais características da Escola Municipal “Ildefonso Anselmo da Silva”, assim como sua estrutura física, perfil da turma, relatos da pesquisa-ação no contexto escolar e, por fim, os dez (10) momentos em que a pesquisa-ação foi realizada.

4.1 APRESENTANDO A ESCOLA MUNICIPAL “ILDEFONSO ANSELMO DA SILVA”

A Escola Municipal de Educação Básica “Ildefonso Anselmo da Silva” (foto1), localizada na Rua Vereador Cícero Soares, nº 62, bairro centro, cidade do Amparo-PB, foi construída em 25 de Dezembro de 1983, no governo do então Prefeito de Sumé Genival Paulino de Souza. Neste tempo o município de Amparo era um distrito pertencente ao município de Sumé-PB e veio a se emancipar somente em 1994.

Foto 1 - Escola Ildefonso Anselmo da Silva



Fonte: Acervo do autor.

A escola conta com um total de 403 alunos no ensino regular assistido nos seguintes níveis de escolaridade: Educação Infantil (Maternal, Pré I, Pré II), Ensino Fundamental I (1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano) e Ensino Fundamental II (6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano) distribuídos em turmas, alternadas entre os três turnos manhã,

tarde e noite. Além disso, a escola atende alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

É importante destacar que a escola recebe alunos da cidade e do campo, e apesar de não ser uma escola modelo padrão do campo, é considerada do campo porque atende grande parte dos alunos que vivem nas comunidades rurais do município. E também podemos ressaltar que o município de Amparo está localizado na microrregião do Cariri Ocidental, portanto a escola “Ildefonso” pertence a um território rural, ou seja, a um contexto camponês. De acordo com Molina e Sá (2012, p. 326):

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.

Nesse caso, por não ter escola do campo em meio as determinadas comunidades rurais, os filhos dos agricultores se deslocam até a escola na sede do município que atende toda a demanda dos alunos da cidade e do campo. É importante ressaltar que há uma luta e resistência constante dos camponeses por uma educação de qualidade para seus filhos.

A caracterização da equipe pedagógica se dar da seguinte maneira: (01) uma secretária, (01) um diretor, (01) vice-diretor, (02) dois coordenadores pedagógicos, em que, através de uma gestão democrática, todos atuam no processo educacional, dentro de suas respectivas funções.

A escola funciona em um prédio público municipal. O espaço físico da mesma encontra-se distribuído da seguinte forma: (01) uma cozinha, a qual dispõe de um espaço que acolhe proporcionalmente a quantidade de alunos da escola; as refeições acompanham um cardápio variado; o horário do lanche alterna conforme a série (os menores lancham primeiro). (01) uma quadra esportiva coberta, onde a escola faz uso para as aulas de Ed. Física e serve também para uso da comunidade em eventos. (01) uma diretoria onde o diretor e a vice-diretora exercem suas respectivas funções na administração da escola. (01) uma secretaria em que atende toda a parte dos serviços burocráticos, como: emissão de documentos, frequência dos alunos, matrículas, cadernetas, entre outras. (10) dez salas de aula arejadas, alternando entre ventilador e ar-condicionado, com iluminação em todas as salas. (01) uma sala de professores, usada no acolhimento aos professores assim como em reuniões, tanto com a gestão como entre pais e mestres. (07) sete Banheiros, que vão desde o espaço externo como interno,

possuindo acessibilidade para pessoas com deficiência. (01) uma Biblioteca que é uma extensão da sala dos professores, não dispondo de um bibliotecário, nela, há apenas (04) quatro prateleiras, onde estão organizados por conteúdos. (01) um almoxarifado.

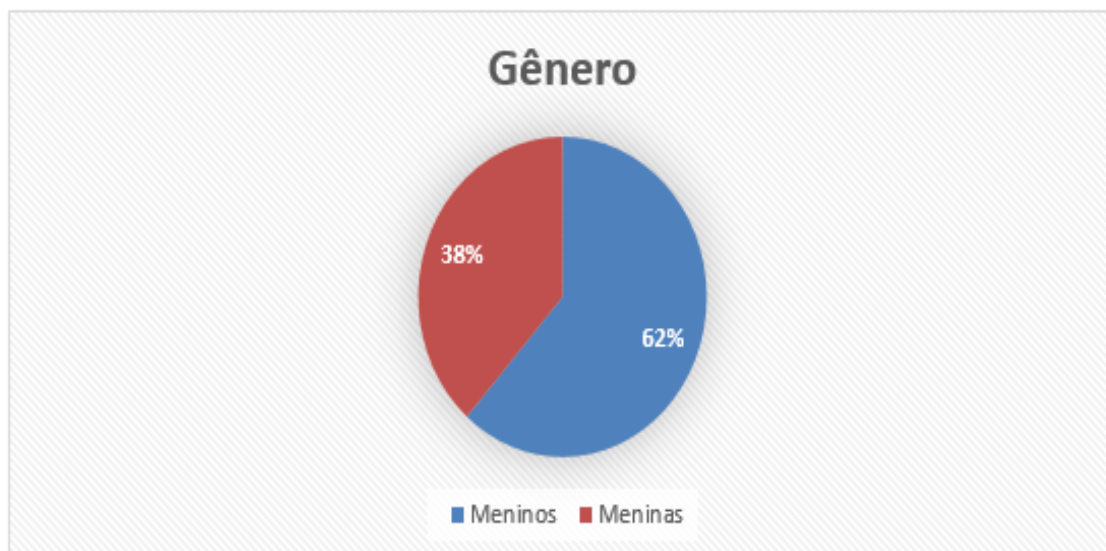
Em relação à acessibilidade, a escola possui rampa de acesso, em sua entrada, para pessoas com deficiência. A escola dispõe de alguns recursos, são eles: (01) um *Notebook*, (01) uma Impressora, (01) um Computador, (01) uma caixa de som, (01) uma *TV* (de tubo), (01) um *micro system*, ar-condicionado em todos os espaços, sendo que, algumas salas de aula, além do ar-condicionado, possuem também ventiladores.

A escola é composta por um quadro de 30 professores e 9 monitores, em sua grande maioria concursados e, poucos contratados. Os gestores mudam de acordo com a governança política da cidade, não existindo uma efetividade.

4.2 PERFIL DA TURMA

Os dados que vamos apresentar agora foram coletados por meio de questionários aplicados na Escola “Ildefonso Anselmo da Silva”, no “7º ano A” turma que funciona no turno da tarde. A turma é composta por 16 (dezesesseis) alunos, mas no momento da aplicação do questionário 13 estavam presentes sendo 05 meninas e 08 meninos.

Então, por questões técnicas, as informações que vamos apresentar foram coletadas nos 13 questionários respondidos pelos alunos presentes. No gráfico 1, intitulado GÊNERO, temos o dado referente a composição por sexo, dos quais, 62% dos pesquisados, são do sexo masculino e 38% do sexo feminino.

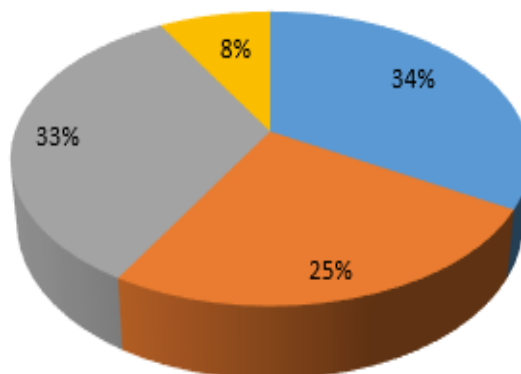
Gráfico 1 - Gênero

Fonte: Pesquisa de Campo

No gráfico 2, intitulado FAIXA ETÁRIA, se observa que 34% da turma é composta por alunos na faixa dos 11 anos de idade, 25% dos alunos na faixa de 12 anos, 33% na faixa de 13 anos e, na faixa de 14 e 15 anos, 8%. A partir destes dados podemos analisar que a turma é composta em sua grande maioria por alunos com idade de 11 anos, tendo os alunos entre 14 e 15 anos uma menor porcentagem.

Gráfico 2 - Faixa Etária

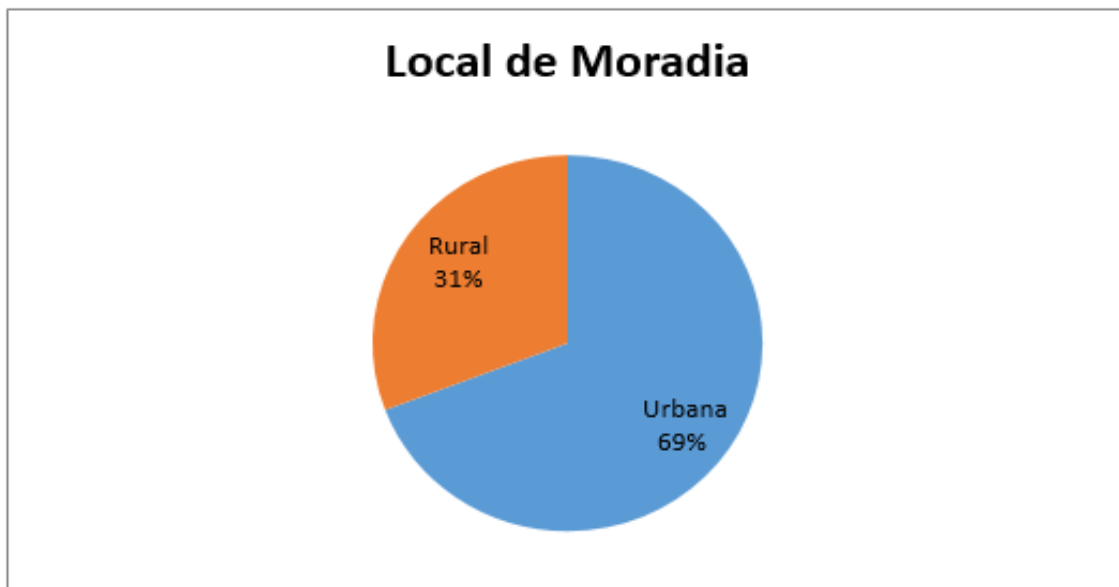
■ 12 Anos ■ 13 Anos ■ 14 Anos ■ 15 Anos



Fonte: Pesquisa de Campo

No Gráfico 3, intitulado LOCAL DE MORADIA, obtivemos um dado bastante interessante, no qual comprova que os alunos da turma, em sua maioria, são da zona urbana do município. Onde, 69% dos alunos afirmaram residir na zona urbana e 31% na zona rural.

Gráfico 3 - Local de Moradia



Fonte: Pesquisa de Campo

No quadro 1, intitulada ATIVIDADE DOS PAIS (DADOS FEMININOS), mostra os dados referentes à profissão dos pais das alunas do 7º A. Tendo em vista o questionário aplicado e as respostas colocadas pelas alunas, observa-se que: 1 (um) trabalha na agricultura, 1 (um) como servidor público e 1 (um) é considerado como autônomo, 2 (duas) alunas não responderam as profissões de seus pais. Partindo para a profissão das mães: 1 (uma) servidora pública, 1 (uma) faxineira e 1 (uma) dona de casa, nota-se que, da mesma forma, 2 (duas) alunas não responderam as profissões de suas mães. Nesse caso, podemos perceber um percentual igual acerca das profissões apresentadas.

QUADRO 1 - Atividades dos pais (dados femininos)

Atividade profissional	Pai	Mãe
Agricultura	1	-
Servidor público	1	1
Autônomo	1	-
Faxineira	-	1
Dona de casa	-	1
Não citaram profissão	2	2

Fonte: Pesquisa de Campo

No quadro 2, intitulada ATIVIDADE DOS PAIS E DAS MÃES (DADOS MASCULINOS), apresenta os dados referidos à profissão dos pais dos alunos do 7º A. Tendo em vista o questionário aplicado e as respostas colocadas pelos alunos, observa-se que os estudantes responderam que 3 (três) pais são autônomos, 2 (dois) praticam a agricultura, 2 (dois) são servidores públicos e 1 (um) aluno não citou a profissão do pai. Já no caso nas mães podemos notar que 4 (quatro) são servidoras públicas, 3 (três) donas de casa e 1 (um) aluno não citou a profissão da mãe.

QUADRO 2 - Atividades dos pais (dados masculinos)

Atividade profissional	Pai	Mãe
Agricultura	2	-
Servidor público	2	4
Autônomo	3	-
Faxineira	-	-
Dona de casa	-	3
Não citaram profissão	1	1

Fonte: Pesquisa de Campo

4.3 A PESQUISA-AÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

É sabido afirmar que a nossa pesquisa-ação caracteriza-se diante a familiarização com os sujeitos envolvidos em tal pesquisa, pois é a partir dela que há um envolvimento afetivo entre os pesquisadores e pesquisados. A contextualização é outro ponto crucial para a construção do conhecimento, já que os envolvidos estão levando em conta a vivência, a identidade e o lugar de origem deles.

Portanto, esta pesquisa-ação não está somente direcionada aos momentos de mediação, porque o que realmente importa é construir pedagogicamente um ensino-

aprendizagem que evidencie os aspectos da realidade destes sujeitos, a ponto de estabelecer reflexões e posicionamentos críticos acerca dos acontecimentos do dia a dia.

Nesse sentido, nossa pesquisa-ação no contexto escolar desenvolveu-se em (10) momentos na Escola Municipal de Educação Básica “Ildefonso Anselmo da Silva”.

4.3.1 Momento – Planejamento e escolha da temática

Nesse primeiro momento nos reunimos na UFCG-CDSA para dialogar sobre o início do projeto de extensão e a construção de recurso didático no ensino de Geografia. O propósito desse encontro foi planejar as visitas à escola para apresentação do projeto e conversar com a professora titular da disciplina de Geografia quais os conteúdos programáticos trabalhados por ela. E assim se fez, fomos para a escola apresentar o projeto e dialogamos com a professora, sendo que ela já foi nos dando total autonomia, nos repassando os conteúdos e quais as turmas que estava à frente.

Foto 2 - Planejamento e elaboração das aulas



Fonte: Acervo do autor.

Tivemos outro momento de discussão na universidade em prol dos direcionamentos as turmas de acordo com os conteúdos trabalhados em sala pela professora e também já pensando quais os possíveis recursos poderíamos construir.

A partir desses planejamentos ficamos responsáveis por desenvolvermos nosso trabalho com a turma do 7º ano “A”, onde a professora já estava mostrando aos estudantes aspectos da Região Nordeste. Diante disso, dando continuidade, resolvemos

trabalhar com os alunos sobre a Região do Semiárido e as tecnologias de convivência com o período de estiagem. Estas foram as principais temáticas escolhidas para o desenvolver da nossa pesquisa diante do ensino de Geografia.

4.3.2 Momento – Aplicação do Questionário Experimental

Em novo planejamento, elaboramos o questionário de experimentação (foto 3) e logo em seguida levamos para a escola e aplicamos em sala de aula para os alunos, que expressaram os conhecimentos que tinham a respeito do que é o Semiárido e as Tecnologias Sociais que existem em seu meio.

Foto 3 - Questionário Experimental

Questionário experimental

Aluno:

1. O que entende por semiárido?
2. O que são tecnologias sociais?
3. Para que serve as tecnologias sociais?
4. Existe tecnologias sociais na sua comunidade? Se sim, cite 3 tipos:
5. Escreva sobre tecnologias sociais.

Fonte: O autor.

Após a aplicação do questionário, fomos pesquisar e elaborar nossas aulas sobre o que é o Semiárido e quais as tecnologias que se tem para a convivência com a estiagem. Feito isso, fomos até a escola novamente e iniciamos as nossas mediações para sanar as dúvidas existentes pelos alunos.

4.3.3 Momento – Mediação – Aula expositiva e dialogada sobre O Semiárido Brasileiro

Na aula expositiva e dialogada como o tema Semiárido Brasileiro foram expostos os seguintes conteúdos: região, população, clima e vegetação. Sabe-se que esse método de expor e discutir as temáticas trabalhadas em sala de aula se encontra numa vertente tradicional de ensino, mas ainda é bastante significativa no que diz respeito a construção do conhecimento.

Para Piletti (2004), a aula expositiva pode ser enriquecida através da técnica de perguntas e respostas. Esta técnica consiste em o professor dirigir perguntas aos alunos sobre algo que estudaram ou sobre sua experiência. Ao fazer perguntas, o professor não deve ter o objetivo de julgar ou atribuir notas, mas estimular a participação.

Podemos compreender sobre aula expositiva participativa, ou dialogada diante a perspectiva de Fonseca (2008, p. 15):

É a exposição do conteúdo, com a participação ativa dos alunos, cujo conhecimento deve ser o ponto de partida. Os alunos são questionados, levados a interpretar e discutir o assunto, partindo do que já sabem e do confronto com a realidade. Estimula a análise e a produção de novos conhecimentos, propondo a superação do ouvir e copiar.

A cada explicação do que é o Semiárido (foto 4), os alunos participavam do diálogo a respeito do tema, colocavam pontos referente ao dia a dia deles, relatando a paisagem cinza da seca e quando a chuva cai do céu com poucos dias tudo fica verde. Eles compreenderam também que isso representa uma variação climática, já que durante um ano na nossa região existe um número pequeno de precipitações de chuvas.

Foto 4 - Aula expositiva e dialogada sobre o Semiárido Brasileiro



Fonte: Acervo do autor.

Para a realização desta aula expositiva, fizemos uso de *notebook* e *data show* para a exibição dos *slides* com o conteúdo e exposição de imagens sobre o Semiárido brasileiro e o uso de estrofes de cordéis sobre o Semiárido tendo como intuito contextualizar com os alunos aspectos e a realidade do Cariri paraibano.

Ao passar das imagens expostas sobre o Semiárido, os questionamentos surgiam a partir das representações midiáticas que colocam a região Nordeste e especificamente o Semiárido como lugar de miséria e tristeza. Nesse sentido, os alunos construíram de imediato uma visão crítica do que é falado sobre o ambiente em que eles estão inseridos e que nem sempre é como a mídia mostra. Entenderam que no Semiárido nordestino dar para viver bem, basta só saber conviver com a realidade.

4.3.4 Momento – Mediação – Aula dialogada sobre Tecnologias Sociais;

Abordamos em sala de aula sobre as Tecnologias Sociais⁷ que, de acordo com os diálogos feitos, passamos a construir em sala de aula um saber diante do tema abordado (foto 5). Nesse sentido, os alunos conseguiram fazer uma ponte entre o que discutíamos

⁷De acordo com Carvalho (2018), no Semiárido brasileiro as tecnologias têm um papel fundamental para uma melhor convivência com a falta de água, elas permitem que a pouca água que cai na região seja captada e aproveitada ao máximo. Existem inúmeras tecnologias sociais para a convivência com a seca no Semiárido, entre tantos destacamos algumas mais comuns em regiões pobres sem muitos recursos e com baixo índice pluviométrico, por exemplo: cisterna de placa, cisterna calçadão, silagem e barragem subterrânea.

com a realidade local, com o que debatíamos sobre cisterna de placa, cisterna de calçadão, poço artesiano, poço amazonas, poço de pedra, cata-vento, barragem subterrânea, açude, mandala, silagem, e etc. Os alunos passaram a compreender que todas essas tecnologias são essenciais para a captação de água no período de estiagem e que são de extrema importância para o uso do ser humano e dos animais.

Foto 5 - Aula dialogada sobre as tecnologias sociais



Fonte: Acervo do autor.

O diálogo feito sobre as tecnologias sociais se deu a partir da exposição da temática no quadro, recurso esse que foi essencial para a exposição do conteúdo programático, ou seja, relacionado às tecnologias sociais. Contudo, a partir do debate construído em sala sobre essas temáticas, os alunos expressavam seus conhecimentos sobre a existência destas tecnologias no cotidiano e realidade deles.

4.3.5 Momento – Mediação – Oficina de Cordel e elaboração das estrofes

Foi necessário que os alunos passassem a aprender sobre o cordel, entender de onde vem essa arte que faz parte do nosso contexto cultural, quais os principais cordelistas de todos os tempos e quais as ferramentas para a construção do cordel.

Nesse momento de aula expositiva e dialogada sobre o cordel (foto 6), usamos *notebook* e *datashow* para a exposição dos *slides* e levamos tanto os folhetos de cordéis

feitos artesanalmente, como também os ilustrados de capa dura feitos em gráficas e editoras. Os alunos precisavam saber que as diferenças existentes estão inseridas somente na estruturação física dos cordéis, pois o que realmente importa é a escrita, ou seja, toda a composição poética do corpo do cordel.

Foto 6 - Aula expositiva e dialogada sobre o cordel



Fonte: Arquivo do autor.

Nem todos os alunos sabiam fazer versos. Nesse caso, ficaram encarregados em elaborar os versos no quadro (fotos 7 e 8), sempre de forma coletiva porque a composição de cada estrofe se deu com a participação de todos. Essa foi a estratégia e o mecanismo utilizado, já que não conseguiram construir individualmente.

Foto 7 - Construção das estrofes coletivas no quadro



Fonte: Arquivo do autor

Foto 8 - Construção das estrofes coletivas no quadro



Fonte: Arquivo do autor.

Na construção coletiva desenvolvida pelos alunos no quadro, destaca-se as seguintes estrofes elaboradas pelos mesmos a respeito das tecnologias sociais de convivências com o semiárido:

Para o cariri da gente
 Criaram tecnologia
 Não foi de combate à seca
 Como antes se dizia
 Mas conviver com período
 De estiagem a cada dia.

Nessa estrofe focamos um pouco na região do Cariri paraibano, contexto esse que onde todos os sujeitos envolvidos na pesquisa vivem e habitam. Nota-se a relevância que se dá as tecnologias criadas para a convivência com o período de estiagem, ressaltando que por muito tempo se pensou no combater a seca e não no conviver com esse fenômeno.

A cisterna de placa
 É importante na região
 A chuva que cai na bica
 Não escorre pelo chão
 Essa cisterna foi feita
 Para fazer a captação.

Esta outra estrofe demonstra a cisterna de placa⁸, uma das tecnologias sociais mais importantes para o Semiárido brasileiro. E os alunos relatam essa importância, quando falam em seus versos que ao cair a chuva no telhado da casa onde eles moram, ao invés da água sair escorrendo pelo terreiro, ela escorre pelo cano e vai até a cisterna que armazena toda a água que seria desperdiçada.

Agora vamos falar
 Do poço artesiano
 Traz água do subsolo
 Para o uso do ser humano
 Especialmente aqui
 No cariri paraibano.

Já nesta estrofe que fizemos, destaca-se o poço artesiano⁹ que tem como princípio a perfuração do solo na busca por água para a utilização tanto do ser humano,

⁸Segundo Carvalho (2018), cisterna de placa ou de bica como é conhecida, tem a finalidade de armazenar água para o consumo humano e para o preparo de alimentos. Sua construção se dá através de pedra e cal, tijolos cal ou cimento, placas pré-moldadas, de ferro, anéis de cimento, e muitas outras matérias. É um tanque impermeabilizado, pode ser subterrâneo ou de superfície, onde a água da chuva que cai no telhado é captada por meio de uma bica ou calha chegando assim até a cisterna, a mesma têm capacidade de armazenar 16, 000 litros.

⁹O poço artesiano é um tipo de tecnologia social criada pelos seres humanos e tem como finalidade captar água no subsolo e que não depende do uso de bombas, pois a pressão liberada da própria corrente d'água realiza todo o serviço naturalmente.

como também para o uso dos animais, tendo em vista que esta prática é utilizada constantemente através de políticas públicas em várias cidades do Cariri paraibano.

O tanque que era só pedra
 Ele foi modificado
 O homem fez uma barreira
 Pôs tijolo rebocado
 Para quando a água vir
 Ficar nele armazenado.

O tanque de pedra¹⁰ que antes era uma construção feita pela natureza, o homem vendo a necessidade de captar água nos períodos de estio, produziu paredes de tijolos para assim que a chuva cair das nuvens possa encher e armazenar a água no tanque por muito tempo.

Mostramos somente algumas
 Maneiras de viver bem
 Com o período de estiagem
 Que o semiárido tem
 Porque a chuva demora
 Mas de certeza ela vem.

Nesta estrofe, mostramos as estratégias que temos para vivermos bem com o período de estiagem, pois sabemos que a chuva demora a vir, mas ela não falha. Nesse aspecto, é valioso saber conviver com a estiagem, e não tentar combater a seca como antes se fazia.

4.3.6 Momento – Construção de desenhos para a confecção da capa e corpo do cordel

Por não ter os instrumentos adequados para esculpir os desenhos na madeira em forma de xilogravura, que é a principal arte utilizada nas capas dos cordéis, os alunos confeccionaram em folhas de papel ofício seus desenhos representando as tecnologias sociais de convivência com o Semiárido, que serviram para ilustração da capa, como também o corpo do cordel (foto 9).

¹⁰O tanque de pedra é uma tecnologia social criada pelos seres humanos e, usada nas comunidades rurais. E tem por objetivo armazenar as águas e fazer uso no consumo dos animais, plantações e os afazeres domésticos de quem mora em seu entorno.

Foto 9 - Construção dos desenhos para o cordel



Fonte: Arquivo do autor.

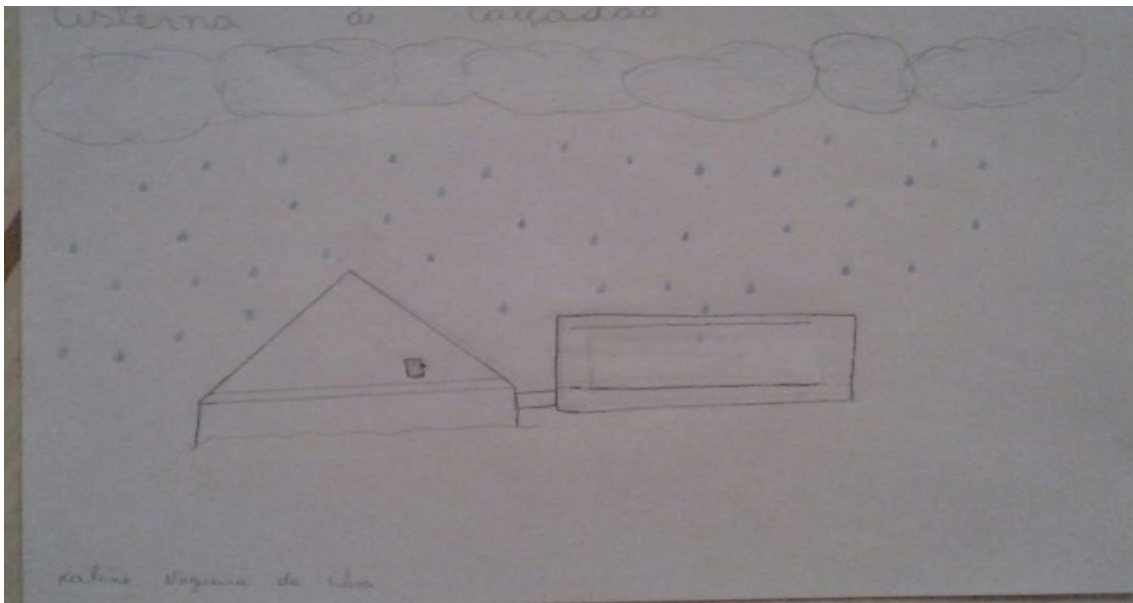
A partir da temática trabalhada, e da composição das estrofes e do cordel de forma geral, os alunos deram início a elaboração e confecção dos desenhos com intuito de expressar a tipologia do assunto, ou seja, as tecnologias sociais. Diante disso, foram feitos os seguintes desenhos:

Foto 10 - Desenho produzido pelos alunos



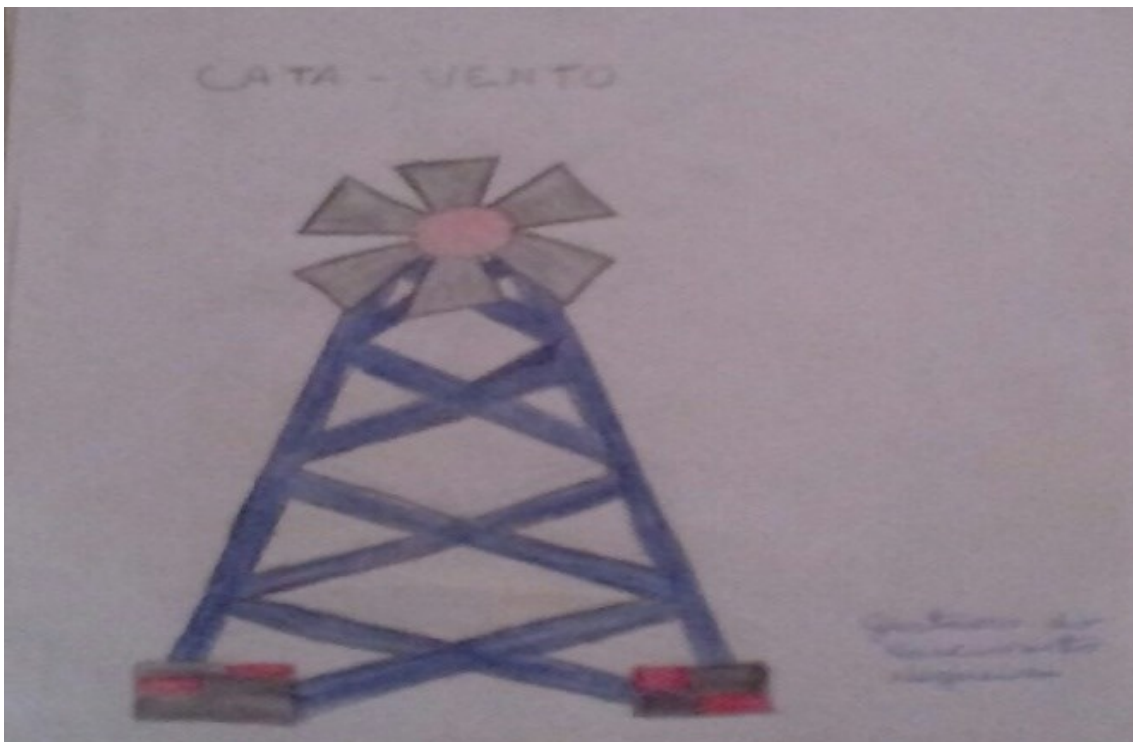
Fonte: Arquivo do autor.

Foto 11 - Desenho produzido pelos alunos

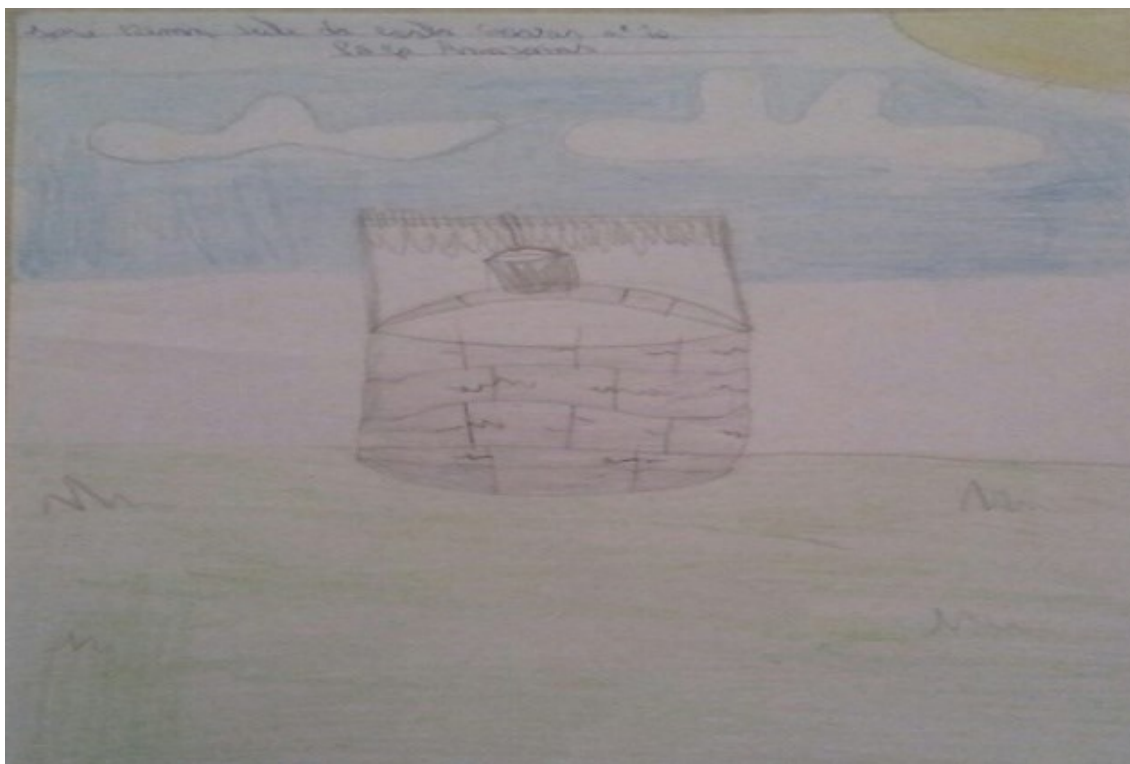


Fonte: Acervo do autor.

Foto 12 - Desenho produzido pelos alunos



Fonte: Acervo do autor.

Foto 13 - Desenho produzido pelos alunos**Fonte:** Acervo do autor.

Todos os desenhos confeccionados pelos alunos, tiveram total propósito de demonstrar os tipos de tecnologias sociais que temos em nossa região. Nesse caso, destaca-se (foto 10) a cisterna de placa que é mais comum nas comunidades rurais e que tem por objetivo a captação das águas das chuvas quando cai nos telhados das casas. Outra tecnologia (foto 11) é a cisterna de calçada que, ao chegar o período chuvoso, a água cai em uma calçada e adentra na cisterna, o seu armazenamento serve para à plantação e também suprir a sede dos animais no período de estiagem. Já o poço artesiano (foto 12) é uma tecnologia cujo a sua finalidade é trazer a água do subsolo através da perfuração do próprio solo, podendo sanar a sede do povo e dos animais nos momentos de seca. Por fim, o poço Amazonas (foto 13) que é perfurado dentro dos rios e que por muito tempo, serviu tanto para o uso dos seres humanos, como também para os animais. Essas foram apenas algumas das tecnologias sociais de convivências com o semiárido que os alunos conseguiram expressar e elaborar a partir de desenhos.

4.3.7 Momento – Confeção e elaboração do cordel no contexto acadêmico

Após a construção das estrofes no quadro com os alunos em sala de aula, chegou o momento de organização do cordel no contexto acadêmico, onde colocamos no programa do *word* no *notebook* para configurar e estruturar o cordel. Logo em seguida os folhetos foram impressos e confeccionados, sendo que a sua confeção foi feita manualmente com a utilização de estilete, régua e grampeador (foto 14)

Foto 14 - Confeção do cordel no contexto acadêmico.



Fonte: Acervo do autor.

4.3.8 Momento – Experimentação coletiva do cordel elaborado e dialogo reflexivo acerca do que produzimos

Neste momento os alunos se deparam com os folhetos confeccionado e prontos. Com isso, todos ficaram surpresos ao ficarem cara a cara com os cordéis produzidos por eles mesmos. Essa surpresa se deu porque os próprios alunos, no momento de construção coletiva dos versos e estrofes no quadro, falavam que não tinham capacidade e não sabiam fazer. Por isso, se encantaram ao enxergarem o cordel finalizado. Foi nessa parte da nossa ação que cada aluno, espontaneamente, foi à frente da turma para socializar as estrofes construídas por eles (fotos 15 e 16).

Foto 15 - Apresentação das estrofes do cordel produzido.



Fonte: acervo do autor.

Foto 16 - Apresentação das estrofes do cordel produzido.



Fonte: acervo do autor.

Após as leituras, dialogamos sobre a construção do cordel finalizado, fazendo uma reflexão a partir dos conteúdos trabalhados em sala e também referente ao conhecimento adquirido pelos alunos.

Foto 17 - Apresentação das estrofes do cordel produzido.



Fonte: Acervo do autor.

4.3.9 Momento – Reaplicação do questionário com intuito de compreender a concepção de cada estudante a respeito do conhecimento construído pelos mesmos

Ao término das nossas ações, levamos novamente o questionário experimental e fizemos sua reaplicação com os alunos afim de compreendermos se o objetivo traçado foi alcançado, se os alunos conseguiram construir o conhecimento a partir do que foi estudado em cada ação (Foto 18).

Foto 18 - Reaplicação do questionário experimental.



Fonte: Acervo do autor.

4.3.10 Momento – Socialização do Recurso com a comunidade escolar

Momento de culminância do projeto de extensão (foto 19), em que foi apresentado todos os recursos construídos, sendo que a exposição dos materiais se realizou em sala de aula, onde os próprios alunos que elaboraram os recursos socializaram suas experiências com as demais turmas que os visitavam.

Foto 19 - Socialização do recurso para toda a escola



Fonte: Acervo do autor.

Neste instante os alunos socializaram as estrofes, dando início a declamação do cordel que foi realizada no pátio da escola para toda a comunidade escolar (fotos 19 e 20).

Foto 20 - Socialização do recurso para toda a escola



Fonte: Acervo do autor.

Esse foi todo o caminho metodológico seguido nessa seção, onde o foco da nossa pesquisa foi levar em consideração a realidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, sendo que o objetivo traçado que era construir um recurso didático contextualizado nas aulas de Geografia, e logo em seguida experimentar a produção do cordel feita pelos alunos com toda a comunidade escolar, foi concretizado e alcançado.

5 CORDEL COMO POTENCIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO

Fazer uso do cordel
Através da mediação
Para que potencialize
O ensino e a construção
De um novo aprendizado
Dentro da educação.
(Ednilton Silva)

O processo de mediação¹¹ é caracterizado pela relação entre professor e aluno, sendo que a interação desenvolvida neste processo tem como objetivo central o construir do conhecimento e o desenvolvimento da cognição dos alunos, mas isso só é possível acontecer de acordo com a estrutura planejada pelo professor. Ou seja, a elaboração de sua prática diante a sala de aula, sabendo, assim, que esta aprendizagem mediada só pode ser realizada a partir da familiarização e o elo existente no ambiente escolar.

Como vimos anteriormente, para as mediações têm que se ter a responsabilidade de fazer os determinados planejamentos de ensino, as etapas seguidas pelo professor podem ser chamadas de sequências mediadoras, pois o que é planejado e elaborado serve de aparato para que os alunos aprendam sobre uma respectiva temática ou conteúdo. Porém, é importante, sempre, contextualizar a partir dos conhecimentos populares, porque na hora da mediação pode-se fazer uso dos saberes prévios, considerando a vivência e o espaço dos alunos e não só levando em conta as teorias existentes, mais sim a prática cotidiana dos sujeitos.

O professor é o responsável por fazer a interação do conhecimento que ele tem sobre os conceitos e a realidade dos seus alunos. Nesse caso, o ambiente situado por ambos precisa ser estudado e mencionado na hora do mediar do professor e no aprendizado do aluno. O processo de ensino-aprendizagem é essencial nesse caminho metodológico de mediação e também na didática trabalhada dentro e fora da sala de aula.

Na hora do mediar é necessário compreender, primeiramente, a vida material dos alunos, fazendo com que o aprender aconteça por meio da essência de cada um e todo

¹¹Para Bueno e Bertoni (2016), pelo processo de mediação didática, o conhecimento científico sofre adequação para o ensino, na forma de conteúdos escolares, tanto em termos de especificidade conceitual como de linguagem.

estudo feito tenha como finalidade de resgatar as experiências históricas que se perderam ao longo dos tempos na própria comunidade escolar.

Na aprendizagem mediada não se pode fugir do contexto, é importante que o professor siga por um caminho, onde os métodos usados por ele sejam fáceis e compreensíveis. Nesse caso, tanto o conteúdo abordado, como os recursos utilizados precisam estar amarrados e alinhados para que no momento avaliativo os alunos possam expor tudo o que foi estudado e aprendido nas etapas de mediação pedagógica.

Nessa perspectiva, podemos utilizar o cordel como um recurso didático/pedagógico para a aprendizagem dos alunos, tendo como base uma interação entre os conteúdos estudados e a realidade local, ou seja, o contexto dos próprios alunos. Levando em conta as relações sociais que se constroem no tempo e no espaço, fazendo com que a identidade dos sujeitos sejam percebidas e valorizadas pelos mesmos.

O momento de intervir ou mediar o estudo, proporciona um determinado exercício a respeito das práticas elaboradas pelos professores, no contexto em que a escola está situada, apesar de se ter pouco tempo de aula e, em determinadas ocasiões, não conseguir dar conta do conteúdo abordado. Porém, é diante da ação desenvolvida, ou seja, no mediar, que pode-se verificar se a dinâmica utilizada com os alunos chama atenção dos mesmo. Nesse ponto de vista, nota-se que a atividade torna-se relevante e necessária para aprendizagem dos conteúdos, pois os alunos interagem e participam de forma crítica diante de todo este processo didático-pedagógico. Portanto, nas palavras de Franck e Nichele, deve-se:

Compreender dentro de uma escola, seja ela qual for, especial, regular, pública ou privada, que todos os alunos podem modificar-se, e que cada um tem seu tempo para aprender, conseqüentemente, todos, desde que as condições sociais mínimas para a aprendizagem sejam garantidas, podem despertar para o aprender e assim obter conquistas (FRANCK; NICHELE, 2015 p. 24 - 87).

Neste viés, a realização e exposição de temas planejados e propostos através de métodos inovadores, no caso do próprio cordel como recurso, faz com que ocorra um debate sobre o que se entende do conteúdo exposto e, no processo avaliativo, a utilização de atividades simples que os alunos possam expressar todo conhecimento adquirido a partir da mediação do professor, em forma de desenhos e até mesmo na construção de estrofes e composição de um cordel que aborde o aprendizado.

É coerente afirmar que, em função das experiências de vida que o aluno obtém com o passar dos tempos dentro do ambiente escolar, o conhecimento adquirido, precisa ser posto em prática e considerado pelo professor, que é responsável por resgatar a essência da comunidade onde a escola se encontra.

Por causa desse processo de mediação feito pelo professor, os alunos deixam de ser passivos, fazendo com que a aprendizagem venha a se consolidar a partir do prazer e do buscar o aprender de determinadas temáticas, contendo a inquietação e interagindo ao máximo por meio da participação dialogada e, principalmente, no que refere-se a construção da criticidade pelos mesmos. Por fim, é no mediar que pode-se realizar a junção entre escola e comunidade, destacando também a relação afetiva entre professor e aluno, sendo que o objetivo principal é construir o aprendizado. A vista disso, Franck e Nichele afirmam que:

A mediação acontece quando o processo de ensino e aprendizagem é compartilhado, quando o aluno vivência cognitivamente, fisicamente e emocionalmente o que está sendo proposto. Um bom mediador consegue perceber que na mesma sala de aula, diante da realização de uma tarefa, alguns alunos alcançaram os objetivos propostos, outros estão imaturos e outros totalmente distantes (FRANCK; NICHELE, 2015 p.24 -90).

Nesse caso, esta intermediação busca um caminhar de encontro com as transformações desejadas no ensino-aprendizagem por parte dos alunos envolvidos em determinadas mediações feitas pelo professor, cujo finalidade é interpretar conceitos e aprender acerca dos conhecimentos da realidade social.

Foi através da mediação que demos iniciativa a nossa pesquisa, fazendo uma aplicação e reaplicação de um questionário para acompanhar a aprendizagem, sendo que o primeiro momento de aplicação teve por objetivo identificar a compreensão dos alunos a respeito dos conceitos e do conteúdo abordado, no caso das tecnologias sociais para a convivência com o Semiárido e o segundo momento de reaplicação teve como objetivo principal avaliar a aprendizagem desenvolvida pelos mesmos, logo após as mediações referente as temáticas apresentadas no decorrer da mediação.

Todos os procedimentos metodológicos se fizeram com a finalidade de construir e experimentar o cordel como recurso didático contextualizado, onde as questões aplicadas e reaplicadas no questionário foram trabalhadas e mediadas para a construção do conhecimento do próprio contexto dos alunos. Diante disso, podemos destacar as seguintes questões elaboradas: o que você entende por semiárido? O que são tecnologias sociais? Para que servem as tecnologias sociais? Existe tecnologias sociais na sua

comunidade? E, por fim, escreva sobre as tecnologias sociais. Foram estas as questões pontuadas em nosso questionário que foi aplicado e reaplicado com os alunos do 7ºano A, ressaltando que a turma era composta por 16 (dezesesseis) alunos, mas que somente 12 (doze) participaram das respostas do questionário.

Diante disso, fizemos uma comparação das respostas coletadas nos dois momentos em que foi aplicado o respectivo questionário já situado acima, tendo como propósito acompanhar a aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos “semiárido e as tecnologias sociais”. A partir disso, destaca-se os seguintes resultados no quadro 3 abaixo:

QUADRO 3 - Acompanhamento da aprendizagem e compreensão sobre o que é Semiárido.

O que você entende por semiárido?		
Alunos	Antes da mediação	Depois da mediação
1	Semiárido é um clima seco da região Nordeste, apesar de ser bem seco, é também pouco húmido por causa das chuvas.	É uma parte onde se predomina a seca com longo período de estiagem, mas que existe as chuvas em boa parte do tempo.
2	É um clima quente e meio chuvoso.	É um clima quente e húmido.
3	Semiárido é o clima do Nordeste.	Semiárido é o clima da nossa região.
4	É um clima meio húmido e chuvoso, e meio quente.	É um clima quente com poucas chuvas.
5	Por clima quente, chuvoso e seco.	Entendo como clima chuvoso e quente.
6	Nem tão seco, nem tão úmido.	É um clima nem tão quente, nem tão úmido.
7	Que é chuvoso e quente.	Que no Nordeste é chuvoso e seco.
8	Semiárido que chove e que não chove, e o sol é muito quente.	Um clima do Nordeste do Brasil.
9	Um lugar Seco.	Clima com chuvas e secas.
10	Eu não sei.	Semiárido quente e também tem chuva.
11	É o clima predominante da nossa região.	Eu entendo por semiárido como um clima com poucas precipitações de chuvas.
12	Semiárido que é quente e seco.	Entendo que é seco, e tem precipitações de chuvas.

Fonte: Pesquisa de Campo

No respectivo quadro 3 acima podemos perceber semelhanças nas respostas coletadas da primeira questão do questionário aplicado e reaplicado com os alunos em sala de aula. Nas respostas obtidas antes da mediação, ressalta-se a primeira questão que teve como objetivo compreender o que os alunos entendiam sobre o Semiárido. Nessa perspectiva destaca-se respostas que determinam o Semiárido como quente e seco, um clima que predominante da região Nordeste e que, apesar de ser quente, também é chuvoso. Estas foram algumas definições postas pelos alunos acerca do que é o Semiárido. Já no segundo momento de reaplicação, após o processo de mediação, as respostas elaboradas pelos mesmos não fugiram muito do que foi colocado na primeira aplicação, pois, responderam que o Semiárido é um clima quente e úmido e que, além de ser muito seco, existe um período de precipitações e concentrações de chuvas.

Através da análise das respostas antes e depois do mediar com os alunos, dar para perceber que as aulas expositivas e dialogadas e a produção do cordel colaboraram para a aprendizagem e aprofundamento do conhecimento por parte dos alunos que na elaboração e construção das estrofes e do próprio cordel como um todo demonstraram conhecimentos diante das experiências com o contexto e, principalmente, da região.

No quadro 4 abaixo, de acordo com a segunda questão que teve como princípio entender o que são as tecnologias sociais, e antes do mediar os alunos por não terem noção alguma sobre o que a questão pontuava, pois ainda não tinham se debatido com esta temática.

QUADRO 4 - Análise referente às Tecnologias Sociais

O que são Tecnologias Sociais?		
Alunos	Antes da mediação	Depois da mediação
1	São os Desenvolvimentos agrícolas e pecuaristas.	São coisas que serve para ajudar a conviver com a seca.
2	É tudo aquilo que é o campo moderno.	É o que serve para captar água para o período de estiagem.
3	Não sei.	São cisternas de placa, cisternas de calçadão e etc.
4	São tecnologias que vieram para renovar as nossas vidas, trazendo melhorias.	São tecnologias que estão no nosso dia a dia, e serve para conviver com o semiárido.
5	Não sei responder.	São tecnologias de boa convivência. E para tentar conviver com a seca.
6	Eu acho que são tecnologias que a sociedade usa, tipo os celulares.	São estruturas que o governo faz para ajudar a combater a seca. Obs: mas não se dá para combater a seca, essas tecnologias na verdade vieram para ajudar a conviver com a seca.
7	Acho que é celular, televisão e tablete.	São tanques, barragens e cisternas.
8	Tecnologias sociais são celulares, rádio, televisão e etc.	Caixas de água, tanques, açudes e outras.
9	Mas conhecidas como redes sociais. São sites, blogs e outros meios que postamos coisas sobre nossas vidas.	São tecnologias que usamos para nos sustentar, e armazenar água.
10	Não sei responder.	São tipos de tecnologias que nos ajuda a viver bem com a seca no dia a dia.
11	Eu acho que são tecnologias que as pessoas usam para comunicação.	São tipos de cisternas que nos ajudam.
12	São elementos que nós usamos na vida, na relação com os seres humanos.	São tecnologias para conviver bem com nossa região.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Nesse caso, responderam que são meios de comunicação como as redes sociais, celulares, televisão, rádio, *blogs* e entre outros. Logo depois da mediação os alunos aprenderam sobre o tema que foi trabalhado em sala nas aulas expositivas e na produção do cordel e, diante disso, responderam que as tecnologias sociais são tecnologias para conviver bem com a seca e o período de estiagem e ainda destacam a captação de água em cisternas, caixas d'água, açudes e etc.

Dentro da proposta elaborada, que foi trabalhar as tecnologias sociais de convivência com o Semiárido, por meio de aulas expositivas e dialogadas e produzindo o cordel com os alunos, pode-se destacar a importância da mediação para o aprender por parte destes alunos, que conseguiram adquirir o aprendizado a respeito do que realmente são as tecnologias sociais. Nesse caso, revelamos a contribuição e relevância que a produção do cordel teve para a constituição do conhecimento diante as tecnologias que fazem parte do contexto, ambiente e do lugar, ou seja, da realidade e origem de cada um.

QUADRO 5 - Análise da utilização das Tecnologias Sociais

Para que serve as Tecnologias Sociais?		
Alunos	Antes da mediação	Depois da mediação
1	Serve para o desenvolvimento agrícola e pecuário da região Nordeste.	Serve para armazenar água para o grande período de estiagem.
2	Para uma plantação mais moderna, com irrigação e outras coisas.	Para captar água para utilizar no período de estiagem.
3	Não respondeu	Para armazenar água para beber e também para os animais.
4	Para termos mais meios de comunicação.	Para ajudar no dia a dia das pessoas, temos vários tipos de tecnologias, algumas servem para armazenar água e outras para irrigação.
5	Para publicar em jornais, revistas, folhas e etc.	Para a captação de água nas cisternas.
6	Para nos ajudar na comunicação pelos celulares.	Para ajudar a conviver com a estiagem.
7	Não sei.	Para tentar conviver com a seca, dar água aos animais, lavar roupas e tomar banho.
8	O celular serve para fazer ligação, e mandar mensagem. A televisão serve para assistir.	Para tentar viver bem com a estiagem.
9	Para nos comunicar e postar coisas sobre nossas vidas.	Ajudar no armazenamento de água para nosso uso na plantação e irrigação.
10	Não sei.	Tipos de tecnologias que nos ajuda a viver bem no dia a dia com o estio.
11	Acho que serve para nos comunicarmos.	Serve para armazenar água da chuva.
12	Para ajudar as pessoas que tem trabalho social.	Para guardar as águas que caem das chuvas.

Fonte: Pesquisa de Campo

No quadro 5 acima, os alunos relataram suas respostas demonstrando para que servem as tecnologias sociais, sendo que antes da mediação eles destacaram que as

tecnologias sociais servem para a comunicação e interação das pessoas, porque tinham noção de que estes tipos de tecnologias fossem os aparatos tecnológicos como rede sociais e a internet e mostram, também, que servem para a modernização do campo, o desenvolvimento agrícola e pecuária do Brasil. Ao passar todo o processo de mediação, os alunos passaram a conhecer realmente qual a proposta e objetivo da questão e, desse modo, responderam que as tecnologias sociais servem para o armazenamento e captação de água que caem das chuvas, conviver com o período de estiagem, guardar águas tanto para os seres humanos como também os animais e, por fim, viver bem com a estiagem.

Os alunos mostraram que as tecnologias sociais servem para a convivência com o Semiárido, devido os grandes períodos de estiagem, cuja a seca é predominante, mais que, com as poucas precipitações de chuvas na região em que eles vivem, consegue-se viver bem com as variações do clima.

As respostas dos alunos no quadro 6 abaixo teve como característica principal destacar quais as tecnologias sociais existente na comunidade de cada um e, na primeira aplicação feita antes das aulas expositivas, eles ressaltaram os tipos de tecnologias que os mesmos se deparam no cotidiano, foram elas: *internet*, *celular*, rádio, televisão, computador e telefone, sendo que alguns alunos responderam que em suas comunidades não existem tecnologias sociais. Depois de fazer a exposição das aulas dialogadas e construir o cordel e aprender coletivamente, ou seja, a mediação, tanto os alunos que moram na cidade, como os que são oriundos do campo expressaram em suas respostas que em suas comunidades existem as seguintes tecnologias sociais: poço artesiano, poço amazonas, cata-vento, cisterna de placa, cisterna de calçadão, cisterna de enxurrada, barragem, açude, tanque de pedra, mandala e dessalinizador.

QUADRO 6 - Análise das Tecnologias Sociais existente na comunidade.

Existem Tecnologias Sociais na sua comunidade? Se sim, cite 3 tipos		
Alunos	Antes da mediação	Depois da mediação
1	Não existem	Sim. Cata-vento, barragem e poços.
2	Não	Sim. Cisterna de placa, barragem e cata-vento.
3	Sim. Internet, Celular.	Sim. Cisterna de placa, barragem e cisterna de calçadão.
4	Não	Sim. Poços artesiano, barragem e cisterna de calçadão.
5	Sim. Computador, celular e televisão.	Sim. Cisterna de calçadão, barreiro e poços artesanais.
6	Sim. Celulares, telefones e etc.	Sim. Mandála, poço artesiano, açude e etc.
7	Não sei.	Sim. Poço artesiano. Cisternas, barragem e açude.
8	Não sei.	Cisterna de placa, cisterna de calçadão e poços.
9	Acredito que sim, mas não sei os tipos.	Sim. Cisterna de placa, cisterna de calçadão e mandála.
10	Não existe na minha comunidade.	Sim. Tanque de pedra, poço amazonas e silagem.
11	Acho que sim. Rádio, televisão, celulares e etc.	Sim. Cisterna de calçadão, cisterna de enxurrada e cisterna de placa.
12	Não sei.	Sim. Cisternas, açude e dessalinizador.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Percebemos nestas respostas, que a partir de toda a construção do conhecimento por parte dos alunos em relação às tecnologias sociais foi significativa, pois por meio do diálogo e na construção do cordel em sala todos nós podemos conhecer e aprender sobre o conviver com o lugar onde estamos situados e que estas tecnologias passaram a suprir as necessidades dos povos das cidades e do campo na microrregião do Cariri paraibano, território este em que o clima Semiárido é predominante.

Na última questão do questionário colocada no quadro 7 abaixo, os alunos tinham que falar sobre as tecnologias sociais. Com isso, detectamos que, antes mesmo de darmos início as nossas aulas, os poucos alunos que responderam a questão relataram

que as tecnologias sociais estão relacionadas aos computadores, televisores e *notebooks*, ou seja, os meios de comunicação. Destaca-se também nas respostas coletadas que as tecnologias sociais estão direcionadas a mecanização e o desenvolvimento da agricultura e pecuária.

QUADRO 7 - Análise do conhecimento sobre as Tecnologias Sociais.

Escreva sobre as Tecnologias Sociais		
Alunos	Antes da mediação	Depois da mediação
1	Tecnologias sociais são o desenvolvimento para a agricultura e pecuária.	As tecnologias sociais são para ajudar as pessoas do Semiárido a viver com longas secas. As tecnologias sociais servem para armazenar água para o consumo humano, animal e para fazer o cultivo das plantas.
2	Não.	As tecnologias sociais são muito importantes, porque servem para armazenar água para a seca, para tomar banho, para os animais, fazer comida e etc.
3	Não sei.	Vou falar nas cisternas que são tecnologias sociais que servem para armazenar água para gente fazer uso.
4	Não sei.	As tecnologias sociais vêm ajudando várias pessoas, e se renovando ao longo do tempo, trazendo melhorias para a agricultura e para a comunidade.
5	Não sei responder.	As tecnologias sociais servem para captar água para os seres humanos conviverem com a seca em todo o Nordeste do Brasil.
6	Não sei mais o que colocar.	Criaram para combater a seca, porém, é um fenômeno natural e não pode ser combatido. Então elas ajudam a conviver com o semiárido. Sem elas, teríamos um pouco mais de dificuldades para viver no semiárido, mas graças as tecnologias sociais podemos conviver bem.

7	Não sei.	Quando for no tempo chuvoso acumular água, para quando chegar a seca ter água armazenada e conviver com a seca.
8	Não sei.	São técnicas usadas e feitas pela mão humana para conviver com a seca em todo o Brasil.
9	Não sei.	As tecnologias são mais usadas para nos sustentar, armazenando água para nosso uso no cotidiano.
10	Não sei.	As tecnologias sociais servem para armazenar águas para os animais e as pessoas.
11	Acho que são tecnologias que as pessoas usam diretamente para se comunicarem.	A cisterna de calçadão e de enxurrada servem para captar água da chuva e dar para os animais, e a cisterna de placa serve para captar água para o uso do ser humano.
12	Os computadores, televisão, notebook e outros.	As tecnologias sociais são as cisternas que armazenam as águas que vem das chuvas.

Fonte: Pesquisa de Campo.

Em outras respostas mostra-se que boa parte dos alunos revelaram não saber desenvolver e responder a questão. Posteriormente por meio das exposições metodológicas, a construção do cordel e o construir do aprendizado sobre as tecnologias sociais, os alunos responderam novamente a questão e evidenciaram que as tecnologias são bastante importantes para ajudarem as pessoas do Semiárido a conviverem com o período de estiagem, fazendo a captação e o armazenamento das águas que caem nas poucas precipitações de chuvas, sendo que estas águas servem para a utilização dos seres humanos em suas necessidades específicas, a criação de animais e, também, a plantação de alimentos através da irrigação.

6 CONSIDERAÇÕES

Sabe-se que o ensino de Geografia esteve, por muito tempo, interligado diretamente aos métodos tradicionais, tendo como objetivo principal o desenvolvimento da memorização, descrição e fragmentação dos fenômenos da natureza. Nesse caso, o trabalho didático feito pelos professores se direcionou aos aspectos de menor importância, sem impor relações de pertença e valorização do espaço geográfico.

Com o movimento de renovação, a Geografia chegou a esfera crítica de ensino e os professores, diante as precariedades nas escolas, com a falta de recursos, passaram a elaborar seus próprios recursos de ensino-aprendizagem, tendo os alunos como os principais construtores destes recursos no contexto escolar.

Tendo em vista que o ensinar Geografia nas escolas do campo não é algo tão simples, cabe ao professor utilizar destes vários recursos didáticos para que facilite seus métodos dentro e fora de sala de aula, pois é a partir da falta destes recursos metodológicos que professores e alunos podem trabalhar de forma conjunta, ou seja, coletivamente na confecção e elaboração do recurso didático contextualizando os conteúdos com o cotidiano destes sujeitos que vivenciam a essência do campo.

Novas metodologias de ensino precisam ser criadas pelo professor em sala de aula para que ele possa fugir dos métodos tradicionais no campo da educação. Por meio disso, é necessário a criação destes novos mecanismos que possam auxiliar a prática cotidiana do professor, já que muitas escolas sofrem por conta do descaso público e a falta de recursos didáticos. Dessa forma, considera-se que há a possibilidade de criar estratégias, ou seja, recursos didáticos contextualizados com as práticas vivenciadas pelos professores e alunos. Daí surge o cordel como recurso didático no âmbito escolar, tornando-se uma ferramenta muito importante para o ensino-aprendizagem.

O cordel nordestino representa a identidade e a cultura dos sujeitos do campo e está interligado diretamente com a cantoria de viola, sendo que ambas expressões culturais são consideradas irmãs por muitos estudiosos e apologistas. Portanto, estas artes começaram nos vilarejos e nas pequenas cidades do interior, entre tais localidades e territórios destaca-se o reconhecimento de pertença dos povos campestres em estarem situados num espaço onde a poesia popular, por várias décadas, passou a ser considerada a principal fonte de comunicação dos acontecimentos. Diante disso, tanto

os cordelistas como os repentistas sempre estiveram prontos para relatarem através, da elaboração dos versos e estrofes, todos os ocorridos em tais comunidades.

Assim, os alunos oriundos do campo se identificam com os cordéis e repentes na região do Semiárido, em destaque o Cariri paraibano, sobretudo porque o cordel e o repente fazem parte do lugar onde eles vivem. Dessa maneira, a facilidade de compreensão é maior diante das temáticas trabalhadas a partir de estrofes, sejam elas em quadras, sextilhas, septilhas e entre outras.

De acordo com o caminho percorrido nos momentos de mediação, é fundamental destacar que existiu dificuldades no desenvolver da pesquisa e de início pensamos em desistir de realizar a produção do cordel como recurso didático com os alunos, pois os mesmos relataram não saberem fazer os versos, destacaram também que toda a composição de uma estrofe requer habilidades e dons, pois é necessário conter rimas e métricas na sua elaboração. A partir disso, pensamos em mudar a temática e o ambiente para que pudéssemos desenvolver nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

No entanto, conseguimos dar sequência e seguir em frente com a mesma temática e na mesma escola, pois criamos uma nova metodologia em que os alunos participaram e fizeram os versos e estrofes. Pois bem, já que os alunos afirmaram não saberem fazer seus versos de forma individual, coube a nós irmos até a lousa e construirmos de maneira coletiva cada verso e estrofe, assim, foi possível produzirmos o cordel como recurso didático e, diante disso, pudemos continuar com o mesmo viés de pesquisa.

Verificamos que a realização desta pesquisa foi relevante para aprendizagem dos alunos, pois possibilitou aos mesmos o desenvolvimento da aprendizagem por meio do cordel em sala de aula, e resultou uma melhor compreensão dos conteúdos expressos em estrofes, destacando os conhecimentos referentes as tecnologias sociais de convivência com o Semiárido presentes no município de Amparo-PB, revelando também a identidade e o sentimento de pertença com o espaço em que os mesmos habitam, articulando os temas e conceitos trabalhados de acordo com a educação Contextualizada.

Nesse caso, estes momentos de aprendizagem coletiva foram de suma importância, porque os alunos entenderam que muitas das tecnologias sociais são políticas públicas criadas pelos órgãos governamentais ao longo dos anos, e que, antes

as tecnologias, tinham como estratégia o combater a seca, mas diante dos debates coletivos pudemos compreender que a seca não pode ser combatida e sim convivida.

Portanto, estes alunos que passaram a possuir um conhecimento das tecnologias sociais conseguiram aprofundar a aprendizagem na hora de elaboração dos versos, estrofes e, por último, através de toda a produção do cordel. Eles revelaram o que muitas vezes não o fazem oralmente, dialogando de forma extrovertida e até intuitiva os conhecimentos acerca da realidade.

Na nossa percepção houve um maior interesse por parte dos alunos com relação aos conteúdos, por meio das possibilidades oferecidas diante o processo de mediação e produção do cordel que para eles era difícil a princípio, mas, através do nosso diálogo e construção conjunta das estrofes na lousa, todos perceberam que o cordel tido para alguns como dom, para outros ficou claro que trata-se também de uma vivência.

Notamos, no percurso da mediação pedagógica, que o cordel produzido dentro de sala e experimentado com a comunidade escolar, despertou a curiosidade dos alunos em relação a temática trabalhada e desenvolvida. Desta forma, este recurso metodológico contribuiu positivamente na construção do conhecimento, principalmente no que refere-se a aprendizagem dos alunos.

Assim, como resultado final, os versos construídos pelos alunos de forma coletiva, compõem um cordel que caracteriza as tecnologias sociais existentes no Semiárido brasileiro, ficando o cordel um recurso didático na escola que pode ser utilizado em atividades futuras como fonte de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Leandro Gomes de. **No reino da poesia sertaneja** / Leandro Gomes de Barros, [Organização] Irani Medeiros. – 3. Ed. – João Pessoa: Patmos Editore, 2016.
- BARBOSA, Aline de Oliveira. **Os saberes construídos pelos sujeitos da escola do campo: a experiência da produção do cordel no ensino das Ciências Humanas e Sociais**. TCC de conclusão de curso da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande. Sumé, 2018.
- BUENO, Alcione José Alves; BERTONI, Danislei. **Contribuições de feuerestein para o ensino de ciências**. SINECT – V Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologias. 2016. P 01-12.
- CALDART, Roseli Salete (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CARVALHO, Genilda da Silva. **A produção e experimentação de recursos didáticos contextualizados para as escolas do campo: o caso do álbum seriado das tecnologias sociais**. Genilda da Silva Carvalho. - Sumé - PB: [s.n.], 2018.
- CARVALHO, Luzineide Dourado; REIS, Edmerson dos Santos. Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido brasileiro: fundamentos e práticas. In_ : **Educação do campo no Semiárido brasileiro**. – Juazeiro: RESAB, 2013. P 23 – 40.
- FERREIRA, Evelyllaine Matias Veloso. **A Literatura de Cordel como Recurso Didático no Ensino de Geografia** [manuscrito] / Evelyllaine Veloso Ferreira – 2014. 37 p.
- FERREIRA, Maria Soares. **A rima na escola, o verso na história** / Maria Soares Ferreira. - São Paulo: Boitempo, 2012.
- FONSECA, Tânia Maria de Moura. **Ensinar x Aprender: pensando a prática pedagógica**. Secretaria de Estado da educação superintendência da educação programa de desenvolvimento educacional – PDE. Ponta Grossa - PR 2008.
- FRANCK, Adriana e NICHELE, Adriana. **Mediação da Aprendizagem**. EDUCERE – XI Congresso Nacional de Educação. 2015 . p 24080-24093.
- FREITAS, Nacelice Barbosa *et al.* Relação campo-cidade: O ensino de geografia e as especificidades do Semiárido In: **Múltiplos espaços para o exercício da contextualização**. Juazeiro/BA: Resab, 2009. Pág. 105-116.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 6. Ed. – 7. Reimpr. – São Paulo: Atlas 2009.

LEITE, Jefferson Daniel Cordeiro. **O jogo pedagógico como potencializador no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia nas escolas do campo através da mediação**. TCC de conclusão de curso da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande. Sumé, 2018.

LIMA, Elmo de Souza. Educação contextualizada no Semiárido reconstruindo saberes e tecendo sonhos. In_: **Caderno Multidisciplinar -Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro**. v.2. Juazeiro: Selo editorial RESAB, 2016, p.37-48.

LINS, Claudia Maisa A. *et al.* **Educação para a convivência com o semiárido – A proposta de elaboração de um livro didático**. In; **RESAB**. Educação para a convivência com o semiárido Brasileiro – reflexões teóricas – práticas da RESAB. Juazeiro – BA; Secretaria Executiva da RESAB, 2006.

LIRA, Sonia Maria de. O ensino de Geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente. In_: **A formação docente em Geografia: teorias e práticas**. Paulo Sérgio Cunha Farias, Marlene de Oliveira (organizadores). - Campina Grande: EDUFCEG, 2014.

MOREIRA, Marco Antônio. **Metodologias de pesquisa em ensino** / Marco Antônio Moreira. - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

MOURA, Lenice Sales de, PEREIRA, Vanderléa Andrade. Educação do Semiárido: a contextualização na escola campestre Expedito Albano de Moura na interface com o uso do livro didático. In_: **Educação do campo no Semiárido brasileiro**. – Juazeiro: RESAB, 2013. P 119 – 135.

NOGUEIRA, Angela Marciel. **Origem e Características da Literatura de Cordel**. Ariquemes – FIAR, 2009.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado**. 2ªed, São Paulo: editora Contexto, 2011.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 23ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

PRATA, Arysttótines da Silva. **Literatura de cordel e sala de aula: a cultura popular como caminho para a educação contextualizada no Cariri Ocidental paraibano**. Sumé – PB, 2011.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1941. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVIERA, Sophia de Rosa e VIZOLI, Simone Helena. **O artesão e a xilogravura: gesto e imagem**. Graphica'2017. XII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design. p. 01-12.

SOUSA, Lana Cavalcante de. **Geografia, escala e construção de conhecimentos**. Campinas - SP: Papyrus, 2007.

SOUSA, Rafael Barros de. **Práticas de leitura e escrita inovadoras: uma experiência com poesia de cordel e jogo sério na escola do campo**. Rafael Barros de Sousa. Sumé – PB. 2017.

APÊNDICE

Questionário experimental

Aluno:

1. O que entende por semiárido?
2. O que são tecnologias sociais?
3. Para que serve as tecnologias sociais?
4. Existe tecnologias sociais na sua comunidade? Se sim, cite 3 tipos:
5. Escreva sobre tecnologias sociais.